

Cartas Pedagógicas dos Territórios: caminhos que se fazem em diálogo com Paulo Freire

*Memórias, experiências e saberes dos
Pré-Colóquios Internacionais Paulo Freire*

DIALOGICIDADE

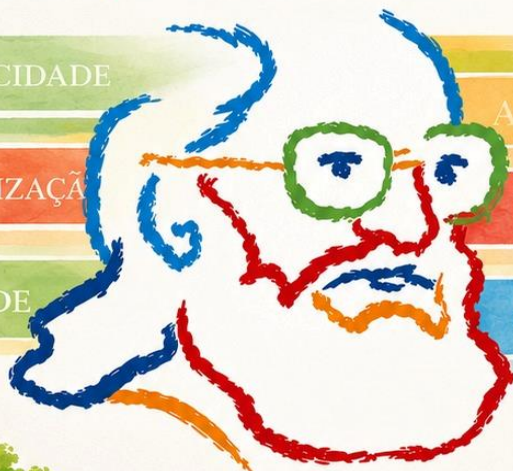
CONSCIENTIZAÇÃO

CRITICIDADE

AÇÃO

IZAÇÃO

IDADE



Orgs.

Maria Erivalda dos Santos Torres
Maria Aparecida Vieira de Melo



editora
CENTRO
PAULO FREIRE
ESTUDOS E PESQUISAS

**Cartas Pedagógicas dos Territórios: caminhos que
se fazem em diálogo com Paulo Freire**
**Memórias, experiências e saberes dos Pré-Colóquios
Internacionais Paulo Freire**

Organizadoras:

Maria Erivalda dos Santos Torres
Maria Aparecida Vieira de Melo

Editora do Centro Paulo Freire – Estudos e Pesquisas
Recife/PE
2026

Produzido por:

Centro Paulo Freire – Estudos e Pesquisas

Av. Acadêmico Hélio Ramos, s/n, Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), Centro de Educação (CE), Recife, Pernambuco, Brasil. CEP: 50740-530

<https://www.centropaulofreire.com.br/>

©Centro Paulo Freire – Estudos e Pesquisas

Diagramação: Ricardo Santos de Almeida

Capa: Photoshop utilizado por Dhonnata Melo Rodrigues e ajustado por Ricardo Santos de Almeida

Imagens: As imagens são de arquivos pessoais dos autores e de bancos virtuais gratuitos.

©Centro Paulo Freire – Estudos e Pesquisas

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Cartas pedagógicas dos territórios : caminhos que se fazem em diálogo com Paulo Freire [livro eletrônico] : memórias, experiências e saberes dos pré-colóquios internacionais Paulo Freire / organizadoras Maria Erivalda dos Santos Torres, Maria Aparecida Vieira de Melo. -- Recife, PE : Centro Paulo Freire Estudos e Pesquisas, 2026. PDF

Vários autores.

Bibliografia.

ISBN 978-65-87824-47-5

1. Educação 2. Freire, Paulo, 1921-1997 - Crítica e interpretação 3. Freire, Paulo, 1921-1997 - Influência 4. Pedagogia 5. Prática de ensino I. Torres, Maria Erivalda dos Santos. II. Melo, Maria Aparecida Vieira de.

26-394887.0

CDD-370

Índices para catálogo sistemático:

1. Pedagogia : Educação 370

Aline Grazielle Benitez - Bibliotecária - CRB-1/3129

Copyright © 2026. O livro pode ser baixado gratuitamente em formato digital de qualquer lugar do mundo entrando na página <https://centropaulofreire.com.br/e-books> 2026. Escrito e produzido no Brasil.

PRESIDÊNCIA, DIRETORIAS E CONSELHOS
CENTRO PAULO FREIRE – ESTUDOS E PESQUISAS

Maria Erivalda dos Santos Torres
Presidenta

Séphora Marinho de Freitas
Diretora Administrativa

Maria Aparecida Vieira de Melo
Diretora Pedagógica

Danielle Jaiane Silva
Diretora Financeira

Cícera Maria do Nascimento
Diretora de Comunicação

Nelino José Azevedo de Mendonça
Conselho Fiscal

Ricardo Santos de Almeida
Conselho Fiscal

Cinthyia Lúcia Martins Torres Saraiva de
Melo
Conselho Fiscal

Agostinho da Silva Rosas
Conselho Consultivo

Anair Silva Lins e Melo
Conselho Consultivo

Viviane de Bona
Conselho Consultivo

CONSELHO EDITORIAL
CENTRO PAULO FREIRE – ESTUDOS E PESQUISAS

Agostinho da Silva Rosas	UPE e Centro Paulo Freire – Estudos e Pesquisas
Ana Paula de Abreu Costa de Moura	UFRJ e Centro Paulo Freire – Estudos e Pesquisas
Ana Maria Saul	PUC/SP e Centro Paulo Freire – Estudos e Pesquisas
Eliete Correia dos Santos	UEPB – Centro Paulo Freire – Estudos e Pesquisas
Inés María Fernández Mouján	Cátedra Paulo Freire, Universidad Nacional de Mar del Plata, Centro de Investigaciones y Estudios en Teoría Poscolonial, Universidad Nacional de Rosario, Argentina e Centro Paulo Freire – Estudos e Pesquisas
Joaquim Luís Medeiros Alcoforado	Universidade de Coimbra/Portugal e Centro Paulo Freire – Estudos e Pesquisas
Luiza Cortesão	Professora Emérita da Universidade do Porto, Presidente do Instituto Paulo Freire de Portugal e Centro Paulo Freire – Estudos e Pesquisas
Maria Aparecida Vieira de Melo	UFRN e Centro Paulo Freire – Estudos e Pesquisas
Maria Fernanda dos Santos Alencar	UFPE e Centro Paulo Freire – Estudos e Pesquisas
Maria Erivalda dos Santos Torres	Centro Paulo Freire – Estudos e Pesquisas e Universidade Federal de Pernambuco
Mírian Patrícia Burgos	Centro Paulo Freire – Estudos e Pesquisas e Instituto Paulo Freire de Portugal
Ricardo Santos de Almeida	Universidade Regional do Cariri Centro Paulo Freire – Estudos e Pesquisas

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	10
O caminho se fez caminhando: o Centro Paulo Freire e os territórios na construção coletiva do XIII Colóquio Internacional Paulo Freire	
Maria Erivalda dos Santos Torres	
Maria Aparecida Vieira de Melo	
PRÉ-COLÓQUIO INTERNACIONAL PAULO FREIRE: ENTRE SABERES E ESPERANÇAS, BRASIL E EQUADOR CAMINHAM JUNTOS	22
Monica Lopes Folena Araújo	
TERRITÓRIOS EM DIÁLOGO: VOZES QUE ANUNCIAM OUTROS CAMINHOS	29
Carta Pedagógica do II Pré-Colóquio Internacional Paulo Freire, novembro de 2025	
Cezar Bueno de Lima	
ARGENTINA: CAMINHOS LATINO-AMERICANOS TECIDOS PELO DIÁLOGO E PELA ESPERANÇA	34
Carta Pedagógica do II Pré-Colóquio Internacional Paulo Freire – Argentina/2025	
Inés Fernández Mouján	
ENTRE CAICÓ E ANGICOS: ONDE A MEMÓRIA SE FAZ CAMINHO	46
Carta Pedagógica do III Pré-Colóquio Internacional Paulo Freire – Rio Grande do Norte/2025	
Maria Aparecida Vieira de Melo	

SUMÁRIO

NO TERRITÓRIO DE CAMPINA GRANDE: DIÁLOGOS QUE SEMEIAM CAMINHOS DE ESPERANÇA 67

Carta Pedagógica do I Pré-Colóquio Internacional Paulo Freire – Campina Grande/2025

José Luiz Ferreira

QUANDO OS CAMINHOS SE ENCONTRAM: FÓRUM E UNIVERSIDADE CONSTRUINDO DIÁLOGOS NO AGRESTE 74

Carta Pedagógica do V Pré-Colóquio Internacional Paulo Freire – Caruaru/2025

Maria Erivalda dos Santos Torres

COIMBRA: ONDE SABERES SE ENCONTRAM E CAMINHOS SE ENTRELAÇAM 89

Carta Pedagógica do I Pré-Colóquio Internacional Paulo Freire – Coimbra, Portugal/2026

André Gustavo Ferreira da Silva

Joaquim Luís Medeiros Alcoforado

Maria Aparecida Vieira de Melo

RECIFE: RAÍZES FREIREANAS, DIÁLOGOS QUE ANUNCIAM NOVOS CAMINHOS 96

Carta Pedagógica do IV Pré-Colóquio Internacional Paulo Freire – Recife/2026

Thaylanne Maria de Lira

Viviane de Bona

Andressa Rodrigues do Santos

SUMÁRIO

**O CAMINHO SE FAZ CAMINHANDO: QUANDO
A ESPERANÇA ENCONTRA A PRÁXIS** 108

**Carta Pedagógica do III Pré-Colóquio
Internacional Paulo Freire – Maceió/AL**

Abdizia Maria Alves Barros

Regileno Luis de Souza – Regis de Souza

**TERESINA: VOZES QUE DIALOGAM,
SABERES QUE TRANSFORMAM** 114

**Carta Pedagógica do III Pré-Colóquio
Internacional Paulo Freire – Teresina/PI-2026**

Antonio Ferreira de Sousa Sobrinho

**UNICAMP: MEMÓRIAS QUE CAMINHAM,
DIÁLOGOS QUE REINVENTAM PAULO
FREIRE** 119

**Carta Pedagógica do I Pré-Colóquio Internacional
Paulo Freire – UNICAMP, 9 e 10 de abril de 2026**

Ana Paula Silveira

Andrea da Paixão Fernandes

Camila Lima Coimbra

Cássia Sales Kirchner

Juliana Rodrigues

Maria Aparecida Satto Vilela

Nima Spigolon

Samantha Lodi

SUMÁRIO

JOÃO PESSOA: VOZES, MEMÓRIAS E SABERES QUE SE FAZEM CAMINHOS	128
Carta Pedagógica do IV Pré-Colóquio Internacional Paulo Freire – João Pessoa/PB	
Maria Erivalda dos Santos Torres	
GARANHUNS: QUANDO A DISTÂNCIA NÃO IMPEDE O TERRITÓRIO DE SE FAZER PRESENÇA	142
Carta Pedagógica do III Pré-Colóquio Internacional Paulo Freire – Garanhuns/PE	
Maria Erivalda dos Santos Torres	
SALVADOR/BA: ANCESTRALIDADES QUE DIALOGAM, SABERES QUE TRANSFORMAM	155
Carta Pedagógica do II Pré-Colóquio Internacional Paulo Freire – Salvador-Bahia, 29 e 30 de abril de 2026	
Cinthia Maria Seiberth Santos	
Edite Maria da Silva de Faria	
AS ORGANIZADORAS	167

APRESENTAÇÃO

O caminho se fez caminhando: o Centro Paulo Freire e os territórios na construção coletiva do XIII Colóquio Internacional Paulo Freire

Maria Erivalda dos Santos Torres

Maria Aparecida Vieira de Melo

Apresentar esta coletânea de **Cartas Pedagógicas dos Territórios: caminhos que se fazem em diálogo com Paulo Freire**, significa revisitar um percurso que não começou no XIII Colóquio Internacional Paulo Freire e tampouco se restringe aos dias de sua realização. As páginas que compõem esta obra guardam a memória de uma caminhada construída antes do grande encontro, quando o Centro Paulo Freire – Estudos e Pesquisas (CPFreire) lançou-se, junto a universidades, movimentos sociais, Fóruns de Educação de Jovens e Adultos, Cátedras Paulo Freire, redes de ensino, sindicatos, grupos de pesquisa e outras organizações, ao desafio de fazer o Colóquio nascer e ganhar sentido nos diferentes territórios.

Os Pré-Colóquios constituíram espaços político-pedagógicos de estudo, diálogo, mobilização, problematização e

produção coletiva de conhecimentos, ao mesmo tempo em que foram tecendo, nos diferentes territórios, a construção do XIII Colóquio Internacional Paulo Freire. Em cada território, o pensamento de Paulo Freire encontrou sujeitos, histórias, lutas e condições concretas distintas. Por isso, os Pré-Colóquios não poderiam ser iguais entre si. E justamente nessa diferença reside uma de suas maiores potências.

Houve territórios nos quais o encontro se fez presencialmente, ocupando universidades, escolas, assentamentos e outros espaços educativos; em outros, a distância geográfica foi atravessada pelas tecnologias e o encontro remoto tornou possível aproximar sujeitos que não poderiam estar fisicamente juntos. Houve experiências que colocaram em diálogo diferentes regiões brasileiras e outras que ultrapassaram as fronteiras nacionais, construindo interlocuções latino-americanas e europeias. O diálogo Brasil–Equador, por exemplo, reuniu pesquisadores(as) e estudantes dos dois países e foi compreendido pelos próprios participantes como uma preparação “viva” e “potente” para o XIII Colóquio.

Essa diversidade territorial não significou fragmentação. Ao contrário, um horizonte comum atravessou todo o percurso: “Dialogicidade, Conscientização, Criticidade: o caminho se faz

caminhando”. A temática não funcionou como simples lema agregador. Tornou-se provocação para que cada território lesse criticamente sua realidade e interrogasse, a partir dela, a atualidade do pensamento de Paulo Freire.

Foi assim que emergiram debates sobre Educação Popular, democracia, Educação de Jovens e Adultos, formação de professores(as), direitos humanos, relações étnico-raciais, educação socioambiental, movimentos sociais, políticas públicas, inclusão, universidade, escola pública, colonialidade, desigualdades e tantas outras questões que atravessam a realidade contemporânea. Em Teresina, por exemplo, a articulação reuniu instituições públicas e privadas de Educação Superior, movimentos sociais e populares, dirigentes municipais, sindicato, organizações da sociedade civil e diferentes instâncias educacionais, constituindo o Pré-Colóquio como um ato político-pedagógico de problematização da realidade regional.

Essa pluralidade nos permite afirmar que não levamos uma leitura pronta de Paulo Freire aos territórios. Esse seria, inclusive, um movimento contraditório com a própria perspectiva freireana. O que buscamos construir foi outra relação: criar condições para que Paulo Freire fosse lido, interrogado, recriado e colocado em diálogo com as realidades

concretas. Cada Pré-Colóquio precisava ter a identidade de seu lugar, reconhecer seus sujeitos, escutar suas questões e produzir suas próprias perguntas.

É nessa perspectiva que a participação do Centro Paulo Freire – Estudos e Pesquisas em todos os Pré-Colóquios adquire um significado que precisa ser registrado nesta obra.

O Centro não esteve apenas no início do processo, lançando uma proposta, nem somente no final, recebendo os resultados produzidos pelos territórios. O CPFreire caminhou com os Pré-Colóquios. Esteve na articulação inicial, no diálogo com as instituições proponentes, na construção da temática comum, nos processos de organização, na divulgação, nas inscrições, nas orientações, na certificação, na interlocução entre os diferentes grupos e, especialmente, na participação político-pedagógica nos encontros. Em Campina Grande, por exemplo, a Carta registra expressamente o apoio do Centro à logística administrativa, à divulgação, às inscrições, à certificação e à articulação com outros setores, além de sua presença durante o evento.

Em muitos desses caminhos, a Diretoria do CPFreire também se fez presença. Seus membros participaram de diferentes Pré-Colóquios, integrando mesas, rodas de diálogo,

Círculos de Cultura, processos de organização e articulações entre instituições e territórios. Essa presença não deve ser compreendida como representação meramente institucional. Ela expressou uma opção do Centro por construir o XIII Colóquio com os territórios e não para os territórios.

Os registros desta coletânea tornam visível essa participação. No encontro Brasil–Equador, por exemplo, a Presidência do Centro integrou o diálogo ao lado de pesquisadores(as) de diferentes instituições e países. Em Teresina, a Presidência participou da mesa dedicada à temática central do XIII Colóquio, em diálogo com representantes da universidade, da SECADI/MEC e do MST. Em Coimbra, a própria autoria da Carta registra a presença da Diretoria Pedagógica do CPFreire na construção dessa experiência internacional.

Essa perspectiva de construção coletiva ganhou contornos próprios em Recife, onde a composição da abertura reuniu Centro Paulo Freire, sindicatos, Fórum Metropolitano da EJA, Cátedras Paulo Freire e poder público, compartilhando o mesmo espaço e recuperando a trajetória que vinha sendo construída rumo ao XIII Colóquio. Essa presença permanente

importa porque diz algo sobre a concepção político-pedagógica que orientou o percurso.

Não queríamos organizar um Colóquio cuja construção estivesse centralizada em Recife e cuja internacionalidade fosse medida apenas pela presença de convidados(as) estrangeiros(as). Queríamos construir um movimento capaz de colocar territórios em relação, fazer circular o pensamento freireano e permitir que as questões produzidas em diferentes realidades chegassem ao XIII Colóquio.

A internacionalização, nessa perspectiva, não se reduz ao deslocamento entre países. Ela se produz quando experiências territorialmente situadas entram em diálogo, quando saberes atravessam fronteiras e quando sujeitos diferentes reconhecem problemas comuns sem apagar suas particularidades.

Nesse caminhar coletivo, o XIII Colóquio Internacional Paulo Freire foi sendo construído passo a passo, no diálogo com cada território. Começou quando cada território aceitou o chamado para construir seu Pré-Colóquio, nas primeiras reuniões de articulação, nas dificuldades para organizar cada encontro, na busca por parceiros, nos editais, nas inscrições, nos trabalhos submetidos, nas mesas, nos Círculos de Cultura, nas manifestações culturais e nas conversas que continuaram mesmo

depois de encerradas as programações, quando professores(as), estudantes, pesquisadores(as), militantes, trabalhadores(as), movimentos sociais e instituições decidiram que ainda era necessário reunir-se para estudar Paulo Freire e, sobretudo, para perguntar o que significa ser freireano diante das contradições do presente.

Desta forma, esta coletânea não pretende produzir uma memória linear, harmoniosa ou idealizada dessa caminhada. Uma leitura crítica dos Pré-Colóquios exige reconhecer que construir coletivamente também significa enfrentar dificuldades, limites, contradições, condições materiais distintas, mudanças de percurso e possibilidades desiguais de participação. Algumas Cartas registram explicitamente esses desafios. Em Curitiba, aparecem as dificuldades de conciliação de agendas, articulação entre segmentos e ampliação da participação para além da universidade. Na experiência argentina, as próprias discussões problematizaram limites dos Círculos de Cultura, como o tempo reduzido e a concentração da palavra, fazendo da autocrítica parte do processo formativo.

Reconhecer essas tensões não diminui a caminhada. É justamente o contrário: torna-a verdadeiramente freireana. A práxis não nasce da idealização da realidade, mas da capacidade

de lê-la criticamente, reconhecer suas contradições e agir sobre ela. O caminho construído pelos Pré-Colóquios foi, portanto, também um processo de aprendizagem institucional para o próprio Centro Paulo Freire.

O Centro ensinou, mas também aprendeu. Mobilizou, mas também foi mobilizado. Articulou territórios, mas também se deixou transformar por eles. Essa reciprocidade talvez seja uma das aprendizagens mais importantes registradas nestas Cartas.

À medida que cada Pré-Colóquio acontecia, o XIII Colóquio Internacional Paulo Freire deixava de ser apenas um evento projetado para setembro de 2026 e passava a constituir-se como processo coletivo, alimentado pelas vozes, perguntas, experiências, saberes, denúncias e anúncios provenientes dos diferentes lugares.

João Pessoa sintetiza parte desse movimento ao registrar que instituições de Educação Superior, redes públicas, movimentos sociais, Fórum da EJA, professores(as), estudantes, pesquisadores(as) e sujeitos de diferentes territórios educativos se encontraram para compartilhar experiências, pesquisas, saberes e esperanças. Garanhuns, por outro caminho, mostrou

que mesmo a distância física não impedia que o território se fizesse presença e mobilização.

São experiências diferentes. E precisam permanecer diferentes. Porque esta coletânea não pretende homogeneizar os territórios em uma narrativa única sobre Freire. Pretende justamente preservar aquilo que cada um deles produziu de singular, ao mesmo tempo em que torna visível o fio político-pedagógico que os colocou em diálogo.

Desta forma, as Cartas Pedagógicas ocupam um lugar tão importante nesta publicação. Elas não são atas dos Pré-Colóquios. Não são relatórios administrativos. Não pretendem simplesmente enumerar programações, participantes ou atividades realizadas. Como forma de escrita coerente com uma perspectiva freireana, elas carregam memória, reflexão, afetividade, posicionamento político, leitura crítica da realidade e compromisso com aqueles e aquelas a quem se dirigem. Ao transformar as experiências dos Pré-Colóquios em Cartas, cada território pôde narrar a caminhada a partir do lugar de quem a viveu.

Reunidas agora em uma mesma obra, essas narrativas ganham outra dimensão. Cada Carta guarda a memória de um território; juntas, elas revelam a construção de um movimento.

Um movimento que atravessou fronteiras geográficas e institucionais e reafirmou que Paulo Freire continua presente não porque repetimos suas palavras, mas porque sua obra continua nos provocando a ler criticamente o mundo e a assumir nossa responsabilidade diante dele. A experiência argentina expressa com particular força essa perspectiva ao afirmar a necessidade de reinventar o legado freireano diante dos desafios atuais e de construir redes de solidariedade capazes de interpelar criticamente as ordens estabelecidas.

Ao entregar esta coletânea aos leitores e às leitoras, o Centro Paulo Freire – Estudos e Pesquisas também registra parte de sua própria história. Uma história que não se constrói sozinha. Ela se faz nas parcerias, nas relações de confiança, nos encontros, nas divergências que nos fazem pensar, nas mãos que se oferecem quando as condições são difíceis, nas instituições que abrem suas portas, nos movimentos que trazem suas lutas, nas universidades que se dispõem a dialogar com os territórios e nos professores(as), estudantes, pesquisadores(as) e militantes que continuam acreditando que a educação pode participar da transformação da realidade.

Os Pré-Colóquios reafirmaram para nós uma convicção: um Centro que leva Paulo Freire em seu nome precisa estar em movimento, sair de si, encontrar os territórios, escutar, Dialogar, problematizar sua própria prática e precisa construir com os outros. Nessa direção, o CPFreire reafirma sua caminhada como uma construção coletiva, tecida no diálogo e na parceria com os diferentes territórios.

Por essa razão, quando nos encontrarmos, de 16 a 19 de setembro de 2026, no XIII Colóquio Internacional Paulo Freire, em Recife, não estaremos começando um evento. Estaremos fazendo convergir caminhos que já vêm sendo trilhados.

Chegarão conosco as vozes dos Pré-Colóquios, as aprendizagens dos territórios, as questões que permaneceram abertas, os vínculos construídos e as experiências daqueles e daquelas que fizeram desta preparação uma grande caminhada coletiva.

O XIII Colóquio será, assim, encontro e continuidade. Será chegada provisória e nova partida. Porque aprendemos com Freire que nenhum caminho transformador está previamente traçado. Ele precisa ser construído historicamente por sujeitos que se reconhecem inacabados e que, em comunhão, assumem o direito e a responsabilidade de transformar o mundo.

Estas Cartas testemunham essa caminhada.

O Centro Paulo Freire esteve em todos esses caminhos, mas nunca caminhou sozinho.

Caminhou com os territórios. E foram os territórios, em diálogo com o Centro, que paulatinamente deram corpo, sentido, criticidade e esperança ao XIII Colóquio Internacional Paulo Freire.

É essa história coletiva que entregamos, agora, à leitura.

Maria Erivalda dos Santos Torres

Presidenta do Centro Paulo Freire – Estudos e Pesquisas

Maria Aparecida Vieira de Melo

Diretora Pedagógica do Centro Paulo Freire – Estudos e

Pesquisas

Recife, 2026.

PRÉ-COLÓQUIO INTERNACIONAL PAULO FREIRE: ENTRE SABERES E ESPERANÇAS, BRASIL E EQUADOR CAMINHAM JUNTOS

Monica Lopes Folena Araújo¹

Querido Centro Paulo Freire, constituído por pessoas que se dedicam a propagar o legado freiriano com compromisso, amor, respeito e muito esperar... Que alegria lhes escrever esta carta, com a satisfação em reconhecer-me como uma dessas pessoas movidas por ideias e ideais utópicos, por uma força histórica que impulsiona a transformação da realidade.

A utopia está profundamente atrelada à esperança e Freire nos ensinou, através de seus exemplos de luta, a esperar, ou seja, a ter esperança que se traduz em ação, compromisso e luta coletiva pela transformação das pessoas, pois estas podem mudar o mundo.

Uma das lutas coletivas que abraçamos, enquanto Cátedra Paulo Freire da Universidade Federal Rural de

¹Coordenadora da Cátedra Paulo Freire da Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE). Doutora em Educação. Professora do Departamento de Educação, do Programa de Pós-Graduação em Ensino das Ciências (PPGEC) e da Rede Nordeste de Ensino (RENOEN) da UFRPE. E-mail: monica.folena@ufrpe.br

Pernambuco (UFRPE), é a de sempre nos engajarmos na organização dos Colóquios Internacionais Paulo Freire, tão bravamente liderada por todos e todas do Centro Paulo Freire. Pensamos ser este um espaço formativo relevante para Pernambuco, para o Brasil e para o mundo, pois nos dedicamos a vivenciar processos formativos múltiplos nos quais valorizam-se saberes acadêmicos, saberes populares, saberes ancestrais e de culturas diversas.

E, como são muitas as nossas andanças em busca de diálogos amorosos e profícuos, trouxemos para este Colóquio, do ano de 2026, um Pré-Colóquio organizado junto a parceiros muito especiais: companheiros de esperança da Cátedra Latino Americana e Caribenha de Pessoas Jovens e Adultas da Universidad Nacional de Educación (UNAE), situada no Equador.

Como sabe, nosso Pré-Colóquio foi realizado no dia 22 de setembro do ano de 2025, das 9h às 19h, de modo remoto, e trouxe como tema central: **DIALOGICIDADE ENTRE BRASIL E EQUADOR – O CAMINHAR NA FORMAÇÃO DE PROFESSORES E PROFESSORAS**. O evento contou com cento e setenta e dois inscritos! O que muito positivamente nos surpreendeu. E as temáticas debatidas em torno do tema central

foram a educação ambiental na formação inicial e continuada de professores e professoras e o papel docente a partir da pedagogia crítica de Paulo Freire.

Nas rodas de diálogo contamos com a presença de pesquisadores e pesquisadoras do Brasil e do Equador, bem como de estudantes de doutorado que compartilharam suas pesquisas em andamento no âmbito das duas Cátedras organizadoras do evento e que, obviamente, trazem Paulo Freire como principal teórico. Uma boniteza de evento! Dentre tantas contribuições político-pedagógicas construídas está a compreensão da formação docente como um processo permanente, crítico, ético e humanizador.

Permita-me te dizer quais foram os(as) pesquisadores(as) que estiveram conosco para que seja possível perceber a riqueza do evento: Prof. Dr. Wilfredo García Felipe, Coordenador da Cátedra Abierta Latinoamericana y Caribeña (EPJA) de la Universidad Nacional de Educación; Profa. Dra. Liana Borges, Curadora do Café com Paulo Freire; Profa. Ma. Maria Erivalda dos Santos Torres, Presidenta do Centro Paulo Freire (nossa presidenta); Prof. Dr. Filipe Lima Silva, Diretor do Departamento de Educação da UFRPE; Profa. Dra. Monica Lopes Folena Araújo, Coordenadora da Cátedra Paulo Freire da

UFRPE (essa que vos escreve); Prof. Dr. César Picón Espinoza, Professor da Universidade Nacional Prefeito de San Marcos e na Pontifícia Universidade Católica do Peru; Profa. Dra. Fátima Gomes, Livre Docente e Professora Associada da Universidade de Pernambuco; Profa. Dra. Madelin Rodríguez Rensoli, Docente Investigadora da Universidad Nacional de Educación de Ecuador; Profa. Dra. Maria Marly de Oliveira, Docente da UFRPE, membro da CP Freire da UFRPE; Profa. Dra. Gilvaneide Ferreira de Oliveira, Docente da UFRPE e membro da CP Freire da UFRPE; Prof. Dr. Thiago Araújo da Silveira, Docente da UFRPE e membro da CP Freire da UFRPE; e Profa. Dra. Joseane Maria do Nascimento, Professora da Rede Pública Estadual e Membro da CP Freire da UFRPE. Todos e todas profissionais e pessoas engajadas em promover uma educação de qualidade como Freire nos inspirou.

Ah! Mas tivemos também nossos tesouros em formação: nossos doutorandos e doutorandas da UFRPE, da UNAEL e da Universidad Andina Simón Bolívar (UASB)! Estiveram conosco: Profa. Andressa Rodrigues dos Santos, Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Ensino das Ciências (PPGEC-UFRPE) e membro da CP Freire UFRPE; Profa. Climéria Beserra Ramalho, Doutoranda da Rede Nordeste de Ensino

(RENOEN-UFRPE) e membro da CP Freire UFRPE; Profa. Crislaine Maria da Silva, Doutoranda do PPGEC-UFRPE e membro da CP Freire UFRPE; Prof. Fausto José de Araújo Muniz, Doutorando da RENOEN-UFRPE e membro da CP Freire UFRPE; Profa. Renata Morgado Silva, Doutoranda da RENOEN-UFRPE e membro da CP Freire UFRPE; Profa. Débora Bezerra de Santana, Doutoranda do PPGEC-UFRPE e membro da CP Freire UFRPE; Profa. Jessiklécia Josinalva de Siqueira, Doutoranda do PPGEC-UFRPE e membro da CP Freire UFRPE; Profa. Ana Cevallos, Doutoranda da UASB; Prof. Edison Paredes, Doutorando da UASB; Prof. Danilo Reiban, Doutorando da UNAE; e Profa. Ruth Tinizaray, Doutoranda da UASB. Esses tesouros são presentes em nossas vidas de professores e professoras formadoras. Com estes tesouros buscamos, de verdade, vivenciar a dodiscência.

Isso porque, para Freire, ninguém está pronto ou acabado; professores e professoras estão em constante formação, aprendendo e ensinando em diálogo com os educandos e com a realidade social, que é também ambiental, política, econômica e educacional. Fica-nos então muitos aprendizados com nossos tesouros e muitas reflexões a partir do diálogo Brasil-Ecuador. Destacamos que o professor e a professora são convocados(as) a

assumir uma atitude crítica perante sua ação educativa, refletindo sobre o sentido de sua prática, os caminhos metodológicos que escolhe e sua contribuição para a construção de aprendizagens significativas e para a transformação do mundo, com o mundo.

O Pré-Colóquio foi, para nós, das Cátedras que o organizaram, uma preparação viva, latente e potente do XIII Colóquio Internacional Paulo Freire, que ocorrerá em setembro de 2026. Com ele nos fortalecemos para mais uma vez mergulharmos, junto contigo, Centro Paulo Freire, em momentos de aprendizado, cultura, encontro e muita amorosidade em meio a apresentações de trabalhos, minicursos, oficinas, rodas de conversa temáticas, círculos dialógicos e muito mais.

Te encontro em setembro, Centro Paulo Freire! Que a temática **“Dialogicidade, Conscientização, Críticidade: o caminho se faz caminhando”** nos inspire a propagar o legado de Paulo Freire, seguindo na compreensão que o caminho se faz caminhando, no encontro com o outro, na escuta sensível, na reflexão crítica e na ação transformadora. Que a esperança, entendida como verbo de luta e de compromisso, continue a nos mobilizar; que a alegria de aprender, ensinar e sonhar

coletivamente fortaleça nossos vínculos; e que o compromisso ético com a dignidade humana nos impulse a seguir esperando, de mãos dadas entre Brasil e Equador, entre todos os povos e gentes, semeando novos horizontes de emancipação, solidariedade e transformação social.

Ao encerrar esta carta, levo comigo a gratidão por sua presença em minha jornada. Há encontros que iluminam o caminho e companhias que renovam nossas forças; a sua é uma delas. Te encontrar, Centro Paulo Freire, iluminou minha caminhada enquanto professora e pesquisadora. Que continuemos caminhando juntos, aprendendo, sonhando e fortalecendo-nos a cada novo passo.

Abraço fraterno.

Monica Folena

TERRITÓRIOS EM DIÁLOGO: VOZES QUE ANUNCIAM OUTROS CAMINHOS

**Carta Pedagógica do II Pré-Colóquio Internacional Paulo
Freire, novembro de 2025**

Cezar Bueno de Lima²

Curitiba-PR, 26 de agosto de 2026.

Prezados(as) educadores(as), gestores(as), militantes
sociais e todos(as) que constroem conosco este espaço de diálogo
e esperança, minhas saudações!

É com profunda alegria e compromisso ético-político que
lhes escrevo esta carta pedagógica, fruto do II Pré-Colóquio
Internacional Paulo Freire, realizado em Curitiba, nos dias 6 e 7
de novembro de 2025. Este documento busca sistematizar as
reflexões, os desafios e as aprendizagens que emergiram deste
encontro, reafirmando a educação como prática da liberdade e
como ato político transformador, à luz dos fundamentos da
pedagogia freireana.

O II Pré-Colóquio foi concebido como etapa preparatória
para o XIII Colóquio Internacional Paulo Freire, previsto para

² Professor Dr. PUC/PR

os dias 16 a 19 de setembro de 2026, e sua organização contou com o esforço coletivo de diversas instituições, sujeitos e movimentos comprometidos com a pedagogia do diálogo, da esperança e da transformação social. Inspirados pelos ensinamentos de Paulo Freire, construímos coletivamente um espaço de circulação de saberes, de escuta ativa e de valorização dos contextos regionais, reafirmando a centralidade da participação democrática em todos os processos educativos.

A realização do evento na Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUC/PR), em parceria com o Centro Paulo Freire – Estudos e Pesquisas, serviu de âncora institucional, promovendo a articulação entre educadores da educação básica, estudantes, pesquisadores, gestores públicos e militantes sociais. Essa composição plural foi fundamental para garantir a diversidade de vozes e experiências, extrapolando os muros da academia e levando o debate sobre práticas educativas aos territórios, em especial por meio da parceria com o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) e com o Assentamento Contestado.

Durante o Pré-Colóquio, dialogamos sobre temas fundamentais para a construção de uma educação emancipatória. O eixo da Educação Popular, Movimentos Sociais e Democracia

apresentou a história das lutas, resistências e conquistas que marcam a educação popular brasileira, destacando a práxis social transformadora e a força das epistemologias dos saberes populares. Refletimos também sobre a Educação Socioambiental, a Ecologia Integral e as práticas emancipatórias, debatendo a crise socioambiental e a urgência de uma justiça ambiental fundamentada no diálogo, na consciência crítica e na ação coletiva, princípios caros à pedagogia de Freire.

No eixo Educação, Direitos Humanos, Políticas Públicas, Inclusão e Cultura de Paz, enfatizamos a indivisibilidade, a interdependência e a integralidade dos direitos civis, políticos, econômicos, sociais e culturais. A partir do pensamento freireano, reafirmamos que a educação é um instrumento de justiça social e de materialização dos direitos humanos nas práticas cotidianas da escola e da sociedade. Por fim, discutimos a presença da pedagogia freireana na educação básica e na superior, ressaltando o compromisso ético, político e estético do educador, a valorização da docência e a inseparabilidade entre teoria e prática na formação dos sujeitos.

Foram muitos os desafios enfrentados na organização do Pré-Colóquio, como a conciliação de agendas, a articulação entre diferentes segmentos e a busca por ampliar a audiência para além

do âmbito acadêmico. Ainda assim, as aprendizagens foram múltiplas e potentes. Os círculos de cultura presenciais propiciaram ricas trocas e a construção coletiva de saberes, evidenciando a atualidade e a pertinência da pedagogia de Paulo Freire para a transformação da realidade educacional e social brasileira.

Vivenciamos momentos marcantes, como a abertura cultural, os círculos de diálogo temáticos, a feira solidária e, sobretudo, a imersão na Escola Latino-Americana de Agroecologia (ELAA), no Assentamento Contestado. Esta experiência pedagógica inédita conectou a universidade e o debate teórico à prática no território, reafirmando a importância da dialogicidade e da vivência concreta na formação de educadores(as) e educandos(as).

As contribuições político-pedagógicas construídas ao longo do II Pré-Colóquio evidenciam a centralidade da práxis freireana como horizonte transformador da educação e da sociedade. Ancorados nas premissas do diálogo, da conscientização e da formação da consciência crítica, seguimos caminhando na construção de espaços educativos comprometidos com uma sociedade mais justa, plural e democrática. A articulação entre a educação formal e a não

formal, tão defendida por Freire, mostrou-se essencial para a promoção dos direitos humanos e o fortalecimento de práticas pedagógicas emancipadoras.

Por fim, reafirmamos, a partir da experiência vivida, a convicção de que o pensamento e a pedagogia de Paulo Freire são não apenas atuais, mas também urgentes. Num contexto de ataques à educação pública e de persistente alienação, estudar, praticar e difundir o legado freireano torna-se uma ferramenta para resistir, sonhar, lutar e construir outros mundos possíveis. Que o chamado à esperança militante, tão presente nos ensinamentos de Freire, continue a inspirar nossas práticas e a fortalecer nosso compromisso com uma educação transformadora, coletiva, dialógica e emancipatória.

Com esperança e compromisso, Cezar Bueno de Lima.

ARGENTINA: CAMINHOS LATINO-AMERICANOS
TECIDOS PELO DIÁLOGO E PELA ESPERANÇA
Carta Pedagógica do II Pré-Colóquio Internacional Paulo
Freire – Argentina/2025

Inés Fernández Mouján³

Buenos Aires 13 y 14 de noviembre de 2025

La experiencia vivida en el II Pre-Coloquio Paulo Freire:
un espacio-tiempo de resistencia y planificación de la esperanza.

Los días 13 y 14 de noviembre del 2025 se realizó en la Universidad Nacional Pedagógica (UNIPE) de Buenos Aires el II Precoloquio Paulo Freire-Argentina, un espacio preparatorio para el XIII Coloquio Internacional de 2026 en Recife, que organiza el Centro Paulo Freire de Estudios y Pesquisas de Pernambuco.

Este encuentro, organizado de manera colectiva y sin presupuesto por una red de universidades nacionales y centros de estudio, se erigió como un acto de resistencia y esperanza

³ GIPSC y Cátedra Paulo Freire, UNMDP

frente al desfinanciamiento y la precarización educativa impulsados por lo que muchos de nosotros identificamos como el "Gobierno neocolonial" de Javier Milei. En un contexto de adversidad, la colaboración y la "amorosidad" demostraron que "lo inédito viable" es posible, gestando desde abajo proyectos colectivos que evidencian la potencia de actuar del pueblo porque la descolonización es un proyecto inacabado pero posible.

Con la participación de casi 200 personas de diversas disciplinas y movimientos sociales, el Precoloquio se consolidó como un "acontecimiento político". El objetivo central fue reinventar el legado de Paulo Freire, no para repetirlo, sino para repensar-lo y crear-lo desde los desafíos actuales. Lxs participantes nos reconocimos "atravesados por la racionalidad neoliberal", pero encontramos en las formas comunitarias y colectivas populares un camino para (re)pensarnos.

Los debates se estructuraron en paneles y círculos de cultura. En los primeros, dialogamos sobre la vigencia de la praxis freireana, su circulación rioplatense, la educación popular, el rol de los movimientos sociales, sus vínculos con la teología de la liberación y los aportes anticoloniales de Fanon. Los círculos de cultura, por su parte, habilitaron una dinámica dialógica y horizontal, rompiendo con la lógica "bancaria" de los espacios

académicos tradicionales, aunque también se señalaron desafíos como la monopolización de la palabra y el tiempo limitado.

Las discusiones atravesaron tensiones fundamentales: intervención en el territorio desde miradas marxistas, autonomistas e institucionalistas; feminismo, racismo e interculturalidad; y la praxis educativa entre lo instituido y lo instituyente. Reflexionamos y dialogamos sobre cómo la obra de Freire es resignificada por los movimientos populares, la academia, la educación de adultos e impulsa en la formación docente una apuesta dialógica que reconoce la novedad de lxs jóvenes.

En síntesis, el Precoloquio fue un espacio donde la crítica política se mostró como antídoto a la resignación, apostando a la construcción de redes de solidaridad epistémica y micro-resistencias movilizadas para interpelar y desestabilizar críticamente los órdenes hegemónicos establecidos.

El jueves y el viernes 13 y 14 de noviembre del corriente año realizamos en la Universidad Nacional Pedagógica —situada en el barrio histórico de San Telmo, donde nació nuestra ciudad de Buenos Aires— el II Pre- Coloquio Paulo Freire- Argentina. Este precoloquio es la antesala —junto con otros precoloquios que transcurren durante 2025 en Brasil— del XIII

Coloquio Internacional Paulo Freire que se realizará en Recife en 2026.

Fue organizado por compañeras y compañeros de la Cátedra Paulo Freire de la Universidad Nacional de Mar del Plata, el Centro Paulo Freire Estudos e Pesquisas de Pernambuco, la Sociedad Argentina de Enseñanza e Investigación en Historia de la Educación, la Universidad Pedagógica Nacional, la Universidad del Comahue, la Universidad Nacional de Luján, la Universidad Latinoamericana de las Periferias, y la Facultad de Filosofía y Letras de la Universidad de Buenos Aires. Participaron activamente en los círculos de cultura compañeras y compañeros de los movimientos sociales, de profesorados y de las universidades; discutimos y debatimos experiencias, pensamientos, sentimientos y el quehacer en momentos de mucha dificultad económica y social. Lxs compañerxs no docentes nos acompañaron para hacer de la UNIFE un lugar muy hospitalario.

Fueron dos días de maravillosos diálogos que se llevaron adelante con un esfuerzo colectivo enorme, algo no menor en este contexto de desfinanciamiento presupuestario de las universidades, centros de investigación y precarización laboral de educadores y educandos llevada adelante por el Gobierno

“neocolonial” de Javier Milei. Cómo deriva del contexto de crisis social y salarial, su organización y sostenimiento fue garantizado por lxs participantes En la adversidad, primaron nuestras ganas de estar juntos, de conversar sobre nuestra resistencia al modelo de crueldad y necropolítica que nos atraviesa. Sin lugar a dudas, el problema presupuestario constituyó un obstáculo enorme a la hora de organizar los dos días del precoloquio, pero nos demostramos y mostramos que lo “inédito viable” es una forma otra de habitar el mundo, que es posible seguir gestando desde abajo, desde la periferia, proyectos colectivos que pongan en evidencia nuestra potencia de actuar.

Por los pasillos, en las charlas entre compañerxs, se escuchaba la alegría del encuentro; y eso fue posible porque teníamos ganas de intercambiar en torno a una figura críticamente emblemática en el campo de la pedagogía, de la política y de la filosofía de la educación como lo es Paulo Freire. Paulo Freire -y también Elsa Costa Freire- fue nuestra inspiración, pero no para repetir sus palabras, sino para repensar, crear e inventar.

Nos reconocimos atravesados por la racionalidad neoliberal e imposiciones coloniales, pero hicimos el esfuerzo de ir más allá de ellas. Encontramos que en las formas colectivas y

comunitarias es posible reencontrarnos con el sentido de justicia y de lo común, que la descolonización es un proyecto inacabado pero no imposible. Nuestro objetivo fue tomar la palabra y decir: ¡acá estamos! Gestar un acontecimiento político.

Fuimos aproximadamente 200 personas, primó la diversidad de procedencias: académicas, de los movimientos populares, de los profesorados y de experiencias de educación popular barriales, lo cual superó nuestras expectativas y nos demostró que era posible estar juntxs más allá de todas las dificultades. Como decía un compañero, trabajador social de Mar del Plata, el Seba, dando unas pinceladas de sus sensaciones del contexto: “Desde lo vivencial, no puedo dejar de mencionar cierta incomodidad que no había sentido anteriormente en CABA. Noté cómo el dolor social, las desigualdades y, sobre todo, el contraste entre la opulencia desmesurada y las formas de extrema precariedad me generaban bastante ansiedad... el tiempo se volvía veloz, voraz e intenso, característica propia de las grandes urbes. Me parecía no tener la capacidad suficiente para asimilar todo lo que estaba sucediendo. Pero... a pesar de habitar cierta incomodidad y amargura con las lógicas de la ciudad, pude disfrutar de los lazos tan significativos que se construyen en un congreso. Ese ‘nosotrxs’ esporádico y emergente, el de las

interacciones cotidianas en un tren o en una obra musical o teatral. Una suerte de comunidad afectiva en la que se constituía una intimidad muy peculiar. Una persona se anima a contarle a desconocidos cosas que quizás ni había pensado en mencionar... En esta clave, el contacto con colegas brasileños y de otras provincias, como Mendoza o Córdoba, fue muy enriquecedor... todavía creemos en la educación pública, en el carácter eminentemente político de la enseñanza, tal como nos enseñó el gran maestro Paulo Freire. Y, sobre todo, que estamos dispuestos a poner la esperanza en movimiento incluso cuando nos toca jugar al truco con dos cuatros y un cinco de distintos palos. La resistencia como antídoto a la resignación política fue palpable en cada palabra y en cada compañere que expuso en el Coloquio”.

Nos emocionamos, nos abrazamos, pensamos juntxs, discutimos, nos entendimos en la diferencia, aceptamos ciertos momentos de conflictos por posiciones diferentes porque no estábamos al margen de la incertidumbre y la violencia del poder político que se vive en nuestro país y en el mundo contra “los condenados de la tierra”, cuánto resonaron no sólo las palabras de Paulo Freire, sino las de Fanon. Vivencias subjetivas y

colectivas que se pusieron en tensión con la objetividad en el análisis que nos trajeron muchxs compañerxs.

La propuesta político-pedagógica del Precoloquio organizó los intercambios. Debatimos sobre la vigencia y el potencial de la praxis de Paulo Freire y también de Elsa Costa Freire, la circulación de sus obras, y las experiencias e historias detrás de su recepción. Reflexionamos colectiva, transversal y transdisciplinariamente para visibilizar los modos en que su obra ha sido leída y apropiada, analizando la persistencia de una propuesta político-pedagógica que cuestiona las marcas de la colonialidad en la educación.

Exploramos el contexto de producción de sus ideas, sus cruces y articulaciones con teorías y prácticas educativas, en los movimientos populares, en los profesorados, en los equipos de investigación, su presencia en la educación popular, en la educación de adultos y en el pensamiento crítico latinoamericano. Nos propusimos reinventar lo freireano y formular nuevas preguntas desde nuestros territorios, entrelazando su concepción con problemáticas contemporáneas como el diálogo, la concientización, la liberación, la descolonización, lo racial, la opresión, la colonialidad, la ética, la interculturalidad, el patriarcado y las memorias rebeldes.

Se propusieron dos tiempos de intercambio: los paneles y los círculos de cultura.

En los paneles estuvieron colegas y compañerxs comprometidos desde hace muchos años con las teorías y las prácticas freireanas: desde intelectuales de la teología de la liberación, militantes del territorio, investigadores, responsables de formación docente, educadores populares de profesorados, universidades y de los movimientos populares. Hablamos de nuestras experiencias, nuestras ideas, de la mujer Elza Freire y sus aportes, de las obras freireanas. Conversamos sobre las visitas que Freire hizo a nuestro país, de la circulación rioplatense de sus obras —gracias a la Editorial Nueva Tierra de la comunidad metodista de Uruguay y Argentina—, de la relación con la teología de la liberación y los aportes de Fanon al pensamiento freireano, de la formación docente, de la educación de jóvenes y adultos, de las memorias y legados; conversamos con compañerxs militantes de la educación popular sobre sus formas de organización y resistencia a la hora de pensar la educación en el territorio y acerca de los aportes que los movimientos populares vienen haciendo, desde hace algunas décadas, a las pedagogías liberadoras.

Los círculos de cultura fueron el segundo tiempo-espacio; allí se habilitó una dinámica diferente, con una lógica distinta. Con el compromiso de quienes coordinaron los círculos, se estableció una relación dialógica de intercambios de experiencias y reflexiones. Nos decía el compañero Seba refiriéndose a su vivencia: “Me pareció un dispositivo asombroso y potente. La posibilidad de romper con la lógica verticalista y bancaria de las ponencias tradicionales habilita otras formas de ser, estar y existir entre la academia y la militancia, cuestión que nuestro querido autor sabía articular muy bien. Sin embargo, la dificultad del tiempo corto, la monopolización de la palabra y la falta de una instancia que pudiera sintetizar la polifonía de voces y debates fueron, a mi entender, algunas de sus debilidades, que debemos repensar. Esto resulta crucial para enriquecer la experiencia y hacer del dispositivo uno verdaderamente liberador y potenciador de un enseñaje democratizador”.

Sumado a esto, y no menos enriquecedor, fue el intercambio en los pasillos, en los reencuentros con compañerxs queridxs, los comentarios en torno a las propuestas de los paneles y las participaciones en los círculos de cultura.

En todo momento sostuvimos debates académico-militantes, en donde aparecieron tensiones en: las

interpretaciones de la intervención en los territorios —una mirada más en clave marxista, autonomista y otra más institucionalista en relación al poder estatal—. El feminismo, el racismo y la interculturalidad fueron debates transversales que articularon los diálogos. La praxis educativa entre lo instituido y lo instituyente, entre lo que captura la lógica institucional y lo que intenta reinventar lo posible, habilitando lo inédito viable. Entre la memoria y el olvido. Los procesos críticos de toma de conciencia en tiempos neoliberales, sus límites para una intervención pedagógica que se pretende transformadora de las condiciones sociales. La dimensión asistencial como obstáculo o intervención crítica. Las viejas y nuevas disputas en torno a la escuela tradicional, moderna-neocolonial y su relación con el mercado laboral. Las interpretaciones diferenciadas de Freire en términos de campos del saber —Historia de la Educación, Filosofía de la Educación, Didácticas específicas, Tecnología Educativa, Pedagogía Social, Trabajo Social, Teología, la Educación Intercultural entre otros—.

Creemos haber cumplido con nuestro principal objetivo: potenciar colectivamente los modos en que la teoría-práctica freireana resurge cotidianamente, cómo es resignificada con fuerza por lxs compañerxs de los movimientos populares y cómo

impulsa en muchos espacios de formación docente una apuesta verdaderamente dialógica que reconoce la novedad que traen lxs jóvenes estudiantes. Apostamos a la construcción de redes de solidaridad epistémica que, asumiendo el lugar de las micro-resistencias movilizadas —cargadas de potencia colectiva y sabiduría popular—, se proponen interpelar los tiempos y espacios hegemónicos e interrumpirlos críticamente, desestabilizando los órdenes establecidos en los contenidos y las prácticas cotidianas.

ENTRE CAICÓ E ANGICOS: ONDE A MEMÓRIA SE FAZ CAMINHO

Carta Pedagógica do III Pré-Colóquio Internacional Paulo Freire – Rio Grande do Norte/2025

Maria Aparecida Vieira de Melo⁴

Caicó, 10 de junho de 2026

Saudações, ao Centro Paulo Freire – Estudos e Pesquisas!

É com muita alegria que venho manifestar o meu contentamento por estarmos na 3ª edição do Pré-Colóquio Internacional Paulo Freire – Caicó/Angicos- RN. Nossa, como foi desafiador o planejamento deste evento do outro lado do oceano, mas aconteceu e aconteceu bem bonito! Vou lhes contar um pouco, prezado Centro!

Bom, antes de continuar, lhes confesso que a culpa é toda sua Centro, porque você tem uma pessoinha a sua frente que nos sacode para longe, para fazermos mais e para sermos mais, a preciosa, estimada e amada a professora Erivalda. Pense, Centro

⁴ Professora da UFRN. Diretora Pedagógica do Centro Paulo Freire-Estudos e Pesquisas.

numa mulher certa que tens contigo, reafirmo que você nunca esteve em mãos tão boas, por isso a culpa é sua! (brincadeirainha a parte).

Seguindo, como já lhes disse eu estava na ocasião em Portugal, fazendo o meu Pós-doc e foi antes de ir para lá que tudo começou. Olhe Centro, foram tantas mensagens entre os membros da coordenação geral para fazer os devidos alinhamentos, que você não queira imaginar! Acredita, que tivemos pouquíssimas reuniões de planejamento, porque tudo ia sendo definido no grupo da organização, feito com estudantes, monitores e coordenadoras. Todos envolvidos, uns mais, outros nem tanto, como acontece em todo grupo, não é mesmo Centro? Sempre têm uns que vão a frente abrindo os caminhos. E foi assim que as coisas foram acontecendo.

Agora Centro, se você não estiver sentado, peço-vos que se sente, pois irei contar tim-tim por tim-tim de como que aconteceu tudo, tenha paciência para ouvir, está bem? Detalhe: não é fofoca, pois eu não me ocupo disso. Vamos lá!

O planejamento inicial aconteceu 25 de abril de 2025, quando eu atualizei o nome do grupo, tirei algumas pessoas e coloquei outras. Algumas pessoas das edições anteriores permaneceram. Isso foi tão bom porque possibilitou caminhar

com mais segurança, porque elas já haviam caminhado conosco e o que estava a se desenhar não seria tão diferente do que fora vivido.

Então Centro, lembra que a gente já vem para o Pré-Colóquio com o tema e os eixos já definidos pelo coletivo da organização do grande evento? Pois bem, meio caninho andado, certo? Ótimo, vamos continuar. Após o tema posto: Dialogicidade, Conscientização, Criticidade: o caminho se faz caminhando, seguimos a escolha dos eixos, porque são 10 eixos no evento geral, mas a gente tinha que escolher apenas 4 eixos para serem trabalhados nos pré-coloquios. Em reunião, no dia 25 de agosto de 2025 via *Google Meet* nos encontramos para definir no conjunto dos eixos com suas respectivas ementas, ficaram decididos que nesta edição os eixos dos Círculo de Cultura: Eixo 1. Relações Étnico-Raciais, Diversidade E Justiça Social com a Coordenação do professor Doutor Arthur Cássio Oliveira Vieira e da professora Doutora Isabela Moraes e com a Monitoria de Vivian Liégia de Araújo Santos; o Eixo 2. Currículos, Didáticas, Práticas Educativas E Interculturalidade Na Perspectiva Freireana sob a coordenação do professor doutor Irenaldo Pereira de Araújo, da professora doutora Jacicleide Ferreira Targino da Cruz Melo e da professora doutora Rosélia Cristina

de Oliveira Monitoria, com a monitoria de Anaíza Queiroz de Oliveira; o Eixo 3. Educação, Direitos Humanos, Políticas Públicas, Inclusão E Cultura De Paz sob a coordenação da professora doutora Maria Aparecida Vieira de Melo e Cezar Bueno de Lima Monitoria e com a monitoria de Celeste Aurora da Nóbrega Calixto. Por fim, o Eixo 4. Histórias, Memórias, Debates E Circulações Da Obra De Paulo Freire No Contexto Cultural E Político Do Século XXI sob a coordenação das professoras doutoras Ana Maria Pereira Aires e Juliana da Rocha e Silva , tendo a monitoria - João Victor da Silva Souza. Decidido os eixos, foram definidos os dias e o formato do evento, sendo os dias 27 e 28 de novembro em formato híbrido.

Centro, depois desta reunião tivemos outra no dia 25 de agosto para pensar coletivamente com quem poderíamos contar para fazer a mesa de diálogo e assim ficou definida: no dia 27 de novembro às 9h tivemos a Mesa de diálogo: Dialogicidade, Conscientização, Criticidade: O Caminho Se Faz Caminhando, daí conseguimos contar com os professores doutores Maurilane de Souza Biccas; Flávio Henrique Albert Brayner; Marcos Saiande Casado, sob a mediação da presidenta professora Maria Erivalda dos Santos Torres. Só que infelizmente a presidenta não

pode assumir a mediação, pois estava em outro evento em São Paulo, então a professora Maria Melo gentilmente a fez.

Centro, veja a fala introdutória que a professora Maria Melo fez!

Olá, minha gente que aqui se faz presente, quero registrar a alegria e o contentamento em estarmos realizando o III PRÉ-COLÓQUIO INTERNACIONAL PAULO FREIRE – CAICÓ-ANGICOS, nesta terceira edição, afirmamos que o caminho se faz caminhando. É sob esta tese que o caminho se faz caminhando que o Grupo de Estudos e Pesquisas da Educação em Paulo Freire, vem caminhando desde 26 de abril de 2021, um grupo que vem se consolidando com o compromisso em compreender a pedagogia de Paulo Freire, estudando as suas obras. Sendo assim, algumas de suas obras ao longo destes 5 anos, destacamos a que temos por ora nos ocupado “o caminho se faz caminhando conversas sobre educação e mudança social” de Paulo Freire e Myles Horton (2023). Nesta obra, temos algumas chaves que abrem os portais do mistério não só do nosso entendimento, mas sobretudo do projeto de sociedade, de homens e mulheres que desejamos construir.

A chave da dialogicidade acontece com o exemplo clássico que estes dois homens nos deram ao sentarem-se e conversarem

não sobre as vidas alheias, mas de suas vidas, trajetórias e práticas que impactam nas vidas alheias, como me impactou. A arte do diálogo para juntos caminharmos em prol da sociedade que desejamos ter em detrimento da que está aí, é fundamental que nos unamos, por isso, o Centro Paulo Freire - estudos e pesquisas, o Grupo de Estudos e Pesquisas da Educação em Paulo Freire pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte e o Memorial Paulo Freire pela Universidade Federal Rural do Semi-Árido dialogam estão aqui caminhando juntos para a realização deste III PRÉ-COLÓQUIO INTERNACIONAL PAULO FREIRE – CAICÓ-ANGICOS. Exercemos assim o diálogo que precede a participação e o compromisso com a causa, pois é assim que “aprendemos uns com os outros” (Freire e Horton, 2023, p 66). Para tal, os encontros e as reuniões são essenciais para dialogarmos e favorecer a criação do nosso inédito viável, pois Freire e Horton (2023, p. 78) afirmam que “estou convencido de que para criar alguma coisa é preciso começar a criar. Não podemos esperar para criar amanhã, temos que começar criando.” E aqui estamos a criar, ressaltamos que o planejamento desta ação foi organizada há algum tempo e contamos com muitas mentes e mãos, pessoas a quem agradecemos, afinal ninguém caminha sozinho.

A chave da conscientização nos favorece a tomarmos consciência da desigualdade social, da discriminação, do preconceito, do racismo não somente, mas sobretudo o que fazer para combater toda essa estrutura perversa de expropriação, expatriação e exclusão social? Freire e Horton (2023, p. 80) nos indagam “como é possível que algumas crianças comam e outras não?” e endossam “era muita coisa para eu aprender, mas quando penso nisso, uma vez mais eu vejo como gostava de saber, de pensar, de fazer perguntas, de imaginar, de realizar e como já tinha começado, de alguma maneira, a construir o sonho que tenho até hoje. Isto é, eu tinha começado a sonhar com uma sociedade diferente.” Desta feita, a conscientização nos implica em realizarmos ações que façam o enfrentamento a sociedade da barbárie que temos aí. Pois, outra sociedade é possível e somos nós os responsáveis por construí-la. A conscientização corrobora para que as pessoas ao saberem ler e escrever para elas serem elas mesmas, ou seja historiadoras de si e não um mero objeto manipulável dos outros, já que na história da humanidade há os que nasceram para mandar e os que nasceram para serem mandados. Elidir com a hierarquização de mentes e corpos é uma premissa da pedagogia Freireana, sobretudo com o que Myles fez na Highlander - escola de cidadania. Pois “a Highlander era

o tipo de lugar onde as pessoas realmente aprendem” Freire e Horton (2023, p. 90). E, eis que aqui os autores endossam a essência da escola de cidadania “estou absolutamente certo de que os problemas de direitos humanos, dicriminação, exploração racial, libertação, liberdade - todas essas coisas - foram levantados (...) as pessoas foram para o curso de Bernice porque queriam sua afirmação, porque precisavam lutar a favor de sua própria dignidade.” (Freire e Horton, 2023, p. 100).

Por fim, a chave da criticidade, a qual nos favorece a não aceitarmos os fatalismos existenciais, ou é assim mesmo ou ainda é Deus que quer assim. Combater os fatalismos e o conformismo de uma história única é mais que urgente, por isso transitamos da consciência ingênua para a consciência crítica que corrobora para o processo do autoconhecimento, da motivação e consciência de si no mundo e com o mundo. Como menciona Freire e Horton (2023, p. 106) ao dizerem que “reconhecendo o quanto ainda temos que fazer no mundo todo para tentar reinventar o mundo”. A reinvenção do mundo se dá através do conhecimento historicamente acumulado que deve fomentar a tomada de pensamento crítico frente aos fatalismos e conformismos que temos, e sobretudo frente a inteligência artificial que deve minimizar a carga horária de nosso trabalho,

mas não ocupar o nosso lugar no mundo para transformá-lo, pois pensar criticamente se faz com formação política da causa que nos move, qual é a sua causa? Isto é, o caminho que estamos a percorrer em prol de uma sociedade diferente da qual aí está se faz com tomada de consciência crítica, produção de conhecimento aprofundado sobre as causas sociais que são construídas historicamente por meio da lente colonial, heteropatriarcal e eurocêntrica. Por isso a pedagogia de Freire e a Escola de Cidadania de Horton nos fazem compreender que o enfrentamento a todas as formas de exclusões sociais pode ser realizado por meio da formação política e pedagógica. Assim é preciso “focos de esperança e de espírito aventureiro onde quer que os encontremos” Freire e Horton (2023, p. 108). É preciso igualmente outros falantes e falares em prol da diversidade que permeia a nossa sociedade, que conteste todas as formas de violências, todas as discriminações, preconceitos e racismos. Todos nós somos convidados a “trabalhar para mudanças estruturais e não simplesmente para reformas limitadas” (Freire e Horton, 2023, p. 108). Significa que devemos “trabalhar a informação em suas próprias mentes.” Eis a essência do pensamento crítico, acreditando assim “que o nível de

participação dos alunos no processo de organização do currículo sempre foi uma questão política” (Freire e Horton, 2023, p. 149).

Portanto, como cada um de nós temos a liberdade e a autonomia de usarmos estas chaves, lhes pergunto: Quais são os diálogos que vens estabelecendo em seu meio social? Qual é o nível de conscientização que tens em relação às violências e violações dos direitos humanos? Como o nosso pensamento crítico vem sendo alimentado, temos lido bons livros ou nos fissurado em redes sociais com as *fake news*? Outras questões, todos vocês podem se fazer. Para isso, a obra "O caminho de faz caminhando - conversa sobre educação e mudança social nos dá algumas pistas, lhes convido a realizar a leitura e fazer a cartografia de sua existência a ser implicada na mudança social que tu desejas... Que possamos continuar a percorrer o caminho, com a convicção de que outro mundo é possível, que ousamos atravessar as pontes, as bifurcações e os atalhos com a prática concisa que move a pedagogia freireana e para finalizar, Freire e Horton (2023, p. 156) nos advertem “Se você acredita em alguma coisa, tem que praticá-la”, pois então vamos em frente, praticando o que acreditamos. Fala potente, não foi Centro? A Maria foi esperta trouxe fragmentos do livro que inspira este Colóquio. Eu gostei bastante!

Então, Centro, já estou a finalizar esta carta, mas antes gostaria de contar uma coisa engraçada. Como você sabe, o III Pré-Colóquio foi híbrido. A professora Maria Melo, preparou uma fala de abertura muito interessante. Ela estava toda entusiasmada e contente ao fazê-la, só que na ocasião, fez com o microfone aberto e ela falou quase por 15 minutos, e as pessoas sem ouvirem o que ela estava a dizer. Ao colocar o Diretor do Ceres para fazer a saudação na mesa de abertura, ele gentilmente reconheceu o entusiasmo da professora em sua fala, mas disse: - professora, seu microfone estava o tempo todo fechado! Ufa, a professora ficou toda sem jeito na hora, e apenas disse: Não acredito! Então, trago aqui o que ela disse:

Bom dia a todas as pessoas que nos assistem por meio do canal do YouTube: Grupo de Estudos e Pesquisas da Educação em Paulo Freire, da Universidade Federal do Rio Grande do Norte - CERES Campus Caicó!

L1: De qualquer lugar que nos assistam, sejam todas bem-vindas ao III PRÉ-COLÓQUIO INTERNACIONAL PAULO FREIRE – CAICÓ-ANGICOS que tem como tema: DIALOGICIDADE, CONSCIENTIZAÇÃO, CRITICIDADE: O CAMINHO SE FAZ CAMINHANDO.

L1: Neste momento, convidamos a todas as pessoas a prestigiarem a apresentação do **CLIFE LYDIAS BRASILEIRAS NAS ÁGUAS DO CAICÓ**, Música composta pela caicoense Anna Fernandez em parceria com Marieta Maia. **CLIFE LYDIAS BRASILEIRAS NAS ÁGUAS DO CAICÓ**.

L2: A música é necessária e fundamental. É revolucionária e é usada também como resistência, luta e reflexão crítica. A música imprime a essência do caminhar em busca do sonho a ser realizado, pois eis como Freire anunciou “Ninguém caminha sem aprender a caminhar, sem aprender a fazer o caminho caminhando, refazendo e retocando o sonho pelo qual se pôs a caminhar.”

L1: “**DIALOGICIDADE, CONSCIENTIZAÇÃO, CRITICIDADE: O CAMINHO SE FAZ CAMINHANDO**” é o tema central do **III PRÉ-COLÓQUIO INTERNACIONAL PAULO FREIRE – CAICÓ-ANGICOS** a ser realizado nos dias de hoje e amanhã, do presente ano.

L2: “Promover espaços de divulgação, sistematização e construção do conhecimento em torno do pensamento de Paulo Freire, destacando sua contribuição em diferentes áreas, como educação, cultura, direitos humanos, organização social; a partir da interação dialógica, entre universidade, escolas da educação

básica, movimentos sociais, Organizações Não Governamentais. Socializar experiências socioeducativas em diferentes campos, referenciadas no pensamento freireano e vivenciadas em ambientes educativos formais e não formais. Divulgar resultados de estudos, pesquisas e extensão baseados nas ideias de Paulo Freire, que visem contribuir com a construção de uma sociedade mais justa comprometida com a humanização do ser humano. Promover o diálogo e divulgação, em nível nacional e internacional, dos trabalhos e das investigações em educação e cultura popular, embasados no pensamento de Paulo Freire.” são os objetivos centrais deste nosso evento.

L1: Desde já, à nossa gratidão a todas as pessoas que se doaram para a realização do III PRÉ-COLÓQUIO INTERNACIONAL PAULO FREIRE – CAICÓ-ANGICOS, SÃO ELAS:

Coordenação geral:

PROF. MARIA APARECIDA VIEIRA DE MELO, UFRN; PROF. ROSELIA CRISTINA DE OLIVEIRA, UFRN; MARIA ERIVALDA DOS SANTOS TORRES, CENTRO PAULO FREIRE – ESTUDOS E PESQUISAS; PROF. ANA MARIA PEREIRA AIRES, UFRSA e a PROF. JULIANA DA ROCHA E SILVA, UFRSA.

A coordenação dos eixos, agradecemos aos professores:
Ana Maria Pereira Aires – UFERSA; Arthur Cássio Oliveira
Vieira -UFRN; Cezar Bueno de Lima – PUC-PR; Irenaldo
Pereira de Araújo – UFRN; Isabela Moraes – UFRN; Jacicleide
Ferreira Targino da Cruz Melo – UFRN; Juliana da Rocha e
Silva – UFERSA; Maria Aparecida Vieira de Melo – UFRN e a
Rosélia Cristina de Oliveira -UFRN.

A Coordenação Científica: Ricardo Santos de Almeida –
URCA e aos avaliadores Geovar Miguel dos Santos -
PPGEduC/UNEB; Maria Aparecida Vieira de Melo – UFRN;
Ana Maria Pereira Aires – UFERSA; Iany Alves da Costa-
PPGENAP/UFRN; Juliana da Rocha e Silva – UFERSA;
Alexandre Evangelista da Silva-UFPE; José Leonardo Diniz de
Melo Santos -UNIVISA.

Aos monitores: Vivian Liégia De Araújo Santos – UFRN;
Maria Letícia Campelo Silva- UFRN; Anaíza Queiroz de Oliveira
- UFRN; Ronald Augusto de Araújo Santiago - UFRN; Auane
Sthefanny da Silva Nunes – UFRN; Letícia Maria Alves da Silva
– UFRN e João Victor da Silva Souza – UFERSA.

Aos palestrantes: professora Maurilane de Souza Biccas;
Marcos Saiande Casado; professor Flávio Henrique Albert
Brayner ; Maria Aparecida da Silva Fernandes

Aos convidados da mesa de abertura: o Diretor do Ceres, o professor Diego Salomão; Vice direção do campus Angicos – a professora Jacimara Villar Forbeloni, a Coordenação de pedagogia – Ceres a professora Francileide Batista e a Vice coordenação do curso de Pedagogia da UFRSA, a professora Franselma Fernandes de Figueiredo, aos coordenadores do Comitê Territorial De Educação Integral – polo Caicó: a professora Joana D'arc Trajano de Medeiros e o professor Reinan Alessandro de França do polo Natal.

L1: Faremos, a partir de agora, a composição da mesa de abertura do III PRÉ-COLÓQUIO INTERNACIONAL PAULO FREIRE – CAICÓ-ANGICOS que tem como tema: DIALOGICIDADE, CONSCIENTIZAÇÃO, CRITICIDADE: O CAMINHO SE FAZ CAMINHANDO, organizado a partir do Departamento de Educação – CERES, da UFRSA e do CPFREIRE.

L2: Representando a direção do Centro de Ensino Superior do Seridó, convidamos o Professor Diego Salomão.

L2: Representando a coordenação do curso de pedagogia do Departamento de Educação do CERES, convidamos a professora Francileide Vieira

L2: Representando a Vice direção do campus Angicos - convidamos a professora Jacimara Villar Forbeloni

L2: Representando a Vice coordenação do curso de Pedagogia do campus Angicos convidamos a professora Franselma Fernandes de Figueiredo

L1: Representando o Comitê Territorial de Educação Integral do RN, convidamos Joana D'arc Trajano de Medeiros (Polo Caicó e Reinan Alessandro de França (Polo Natal).

L2: Representando a Presidência do Centro Paulo Freire- estudos e pesquisas, convidamos a professora Maria Erivalda Torres.

Pois foi assim, na ocasião da saudação da sua Presidenta ela disse: Maria Finalize este momento retomando o que você havia dito e que nós não ouvimos! Este conselho foi de uma sensibilidade tão grande, carregado de reconhecimento e valorização e a Maria ainda sem jeito, o fez!

Bom Centro, espero que esteja confortável em seu assento, porque esta carta está meio longa, não é mesmo? Mas para finalizá-la trarei o cordel que a Maria Fez na ocasião:

Olá, minha gente amiga
minha saudação vou dar
nesta manhã encantadora
estaremos a dialogar
a prática educadora
muito tem a fomentar

O patrono da educação
um legado a nos deixar
o caminho se faz
sempre ao caminhar
e todos somos capaz
da jornada então trilhar

Paulo Freire, o educador
Myles Horton, o social
juntos a nos ensinar
sua práxis existencial
na arte do educar
o fazer é fundamental

o caminho se faz
caminhando
disso não podemos duvidar
e na arte do encontro
vamos a partilha realizar
fazendo o contraponto
na educação do lugar

A dialogicidade é
a arte do conversar
contar a narrativa
do que se está a vivenciar
e de forma criativa
a partilha do educar

combater todas as
adversidades
fundamental vem a ser
e com a conscientização
outras práticas então fazer
por isso a educação
é muito mais do que saber

o conhecimento é
a chave da sabedoria
a consciência em transição
se faz com autonomia
e assim a formação
requer nossa energia

Um currículo formidável
Mulher inspiradora
na história da educação
ela é a narradora
a pedagogia da libertação
é por ela construtora

o pensamento crítico
fundamental vem a ser
conhecimento produzido
do saber empreender
livro a ser bem lido
mais esperteza se ter

Na mesa a ocupar
Vamos também chamar
Flávio, o professor
com sua arte de filosofar
mestre e pós-doutor
muito tem a nos ensinar

para o aprofundamento
vamos então convidar
Maurilane, a professora
livre docente a ensinar
mestre e pós- doutora
da USP é seu lugar

titular e emérito da ufpe
trajetória percorrida
um artista admirável
sabe curtir bem a vida
pedagogia incontestável
que a todos nós cativa

e nesta ciranda formativa
vamos para ela chamar
Marcos, o professor
vem aqui nos encantar
mestre e também doutor
da UFRN é seu lugar

Agradecemos aos doutores
que estão a nos falar
e a vc participante
que está a prestigiar
uma práxis constante
na arte do ensinar

da SEDIS é coordenador
muito tem a colaborar
é um excelente professor
com sua arte de ensinar
Da revista é editor
para o saber disseminar

Maria Melo, mediadora
tende então a estabelecer
as ideias em conexão
na partilha do saber
fazendo da educação
a essência do viver

E, por aqui eu vou ficando Centro, foi um prazer incomensurável te contar as aventuras pedagógicas da Maria Melo, que vem com muita força de vontade fortalecer a sua existência. Em nome dela, agradecemos a todas as pessoas que fizeram parte deste Pré-Colóquio. Mas, destacamos a presença da professora Rosália que lotou o ônibus do Ceres para a atividade em Angicos, a qual esteve assim programada: 9:30h- Lanche coletivo 10h – Abertura cultural 10:15h – Apresentação dos participantes 10:40 – Roda de conversa com os ex-alunos da experiência de Angicos – 40h de alfabetização 11h30 – Almoço 13h:30 – Acolhimento 14h – 15:30 – Artesanias Freirianas 15:30 – mesa de encerramento - Maria Aparecida da Silva Fernandes Mediação – Juliana da Rocha e Silva 16:30 – Plantação de mudas 16:50 – ciranda de encerramento 17h- Volta à Caicó. Este dia foi brilhante, a percepção se deu por meio dos registros que forma socializados durante o dia todo.

Ah, os círculos de cultura foram lindos, os trabalhos apresentados foram muito significativos e todos concluímos o evento com gostinho de quero mais, certamente teremos a 4ª edição, até ela!

Abraços carinhosos de quem muito te admira Centro, estima e preza por ti!!!

Até breve, pois o seu maior evento está a chegar, nos
veremos nele, certamente!!!!

Carinhosamente, a própria Maria Melo.

NO TERRITÓRIO DE CAMPINA GRANDE: DIÁLOGOS QUE SEMEIAM CAMINHOS DE ESPERANÇA

**Carta Pedagógica do I Pré-Colóquio Internacional Paulo
Freire – Campina Grande/2025**

José Luiz Ferreira⁵

Campina Grande, dezembro de 2025.

Universidade Federal de Campina Grande

Centro de Humanidades

Unidades Acadêmicas de Educação e Geografia

Prezados amigos e amigas do Centro Paulo Freire,

O sentimento de contentamento pela realização do I Pré-Colóquio Paulo Freire em nossa universidade é a razão principal da escrita desta carta endereçada ao Centro Paulo Freire. Junto com este coletivo freireano, nós, professores da Universidade Federal de Campina ao aceitarmos o desafio de realizar este evento estávamos certos também de que seria um importante momento para fortalecer o movimento pela ampliação do legado

⁵ Professor Dr. José Luiz Ferreira (UAED/UFCG)

de nosso grande filósofo da educação. Quando me refiro aos professores da UFCG estou mesmo afirmando que a organização interna foi feita por duas unidades acadêmicas, nas quais o projeto do evento foi aprovado, por esta razão esta carta vai assinada em nome também das professoras Simone Vieira Batista e Ivanalda Dantas de Oliveira.

A realização do evento aconteceu nos dias 9 e 10 de dezembro de 2025, envolveu professores e professoras das Universidades Federal de Campina Grande e da Paraíba, discentes de diferentes cursos de graduação e pós-graduação, convidados especiais da Paraíba, de outros estados brasileiros e de uma professora da Universidade de Cuba.

A programação contou com mesas de diálogo, círculo de cultura e minicursos, abrangendo quatro eixos temáticos: (1) Educação Popular, Movimentos Sociais e Democracia; (2) Educação, Direitos Humanos, Políticas Públicas, Inclusão e Cultura da Paz; (3) Relações étnico-raciais, Diversidade e Justiça Social e (4) Pedagogia Paulo Freire na Educação Básica e Superior: política, ética, estética e criatividade.

O evento contou com discussões, apresentações de trabalhos, minicursos abordando uma variedade de temáticas, destacando-se formação de professores, relações étnico-raciais,

literatura, direitos Humanos, entre outros que se articularam nos diferentes momentos. Vale dizer também o tema Cartas Pedagógicas, que foi contemplado em uma mesa de diálogo e num minicurso.

Quais os desafios da realização deste evento? Diria que a provocação para que realizássemos este Pré-Colóquio chegou num momento de muita efervescência de tarefas de todos nós professores das universidades envolvidas, mas o compromisso com o legado de Paulo Freire não nos deixou pensar na possibilidade da não realização. Precisamos pensar em uma data em que fosse possível a concretização do projeto. Ao final, sentimos que foram satisfatórias as aprendizagens vivenciadas, dialogando com diferentes pessoas, tanto entre os que diretamente participaram das atividades, bem com o público presente nos momentos de apresentações e discussões. Sentimos que o pensamento de Paulo Freire, mesmo que esteja presente entre educadores de diferentes áreas de conhecimento, precisa ainda de mais estudos, de momentos de aproximação com o seu legado. Para nós da Paraíba, Paulo Freire por ser nordestino, Pernambucano, é motivo de orgulho, porque é um pensador, independentemente de sua existência física, muito importante

para a educação brasileira e de outros países, e por ser novo vizinho de estado, esse orgulho se avoluma.

Houve algum momento marcante do evento? Pensando nesta questão, diria que as temáticas diretamente marcadas para discussão foram e são sempre relevantes para nos mantermos atentos à uma educação que promova uma vivência social mais humanizada, mas entendemos que a discussão das Cartas Pedagógicas na mesa de diálogo e no minicurso foi o momento diferente e marcante, porque foi um tema colocado neste primeiro Pré-colóquio como algo que vem em processo de desenvolvimento e aprofundamento do pensamento e da ação de Paulo Freire em diferentes momentos de sua vida. Paulo Freire não apenas escreveu cartas, mas fez delas uma maneira de comunicar suas ideias.

Pensar então na realização deste evento é reconhecer que colocamos em prática momentos para refletirmos nossas práticas enquanto sujeitos que nos apoderamos das ideias de Paulo Freire para pensar nossas ideias e nossas práticas. Em se tratando de um autor que nos orienta para uma prática educativa regada a afetos, amorosidade e compromisso político na construção de uma sociedade mais humanizada, quando nos encontramos para discutir suas ideias, sentimos o apego a quem nos cativa com suas

ideias e suas ações, neste caso os convidados para as mesas de diálogos, círculos de cultura e minicursos são pessoas que vem construindo suas trajetórias profissionais com aproximações ao legado freireano. Para quem conhece e para quem conheceu, nomes como os de Timothy Ireland e Orlandil de Lima da UFPB, do professor Celso Augusto do Rio Grande do Sul, das professoras Ângela Cristina, Jackeline Mendes e Roseana Cavalcanti, do grupo de estudos Diálogos Freireanos em Educação; do professor Cidoval Moraes da UEPB, são exemplos de quem procura reinventar o pensamento freireano.

Por fim, o I Pré-Colóquio foi um momento de encontros, encontros de pessoas, de quem pertence a raça humana. Nos diferentes momentos podemos nos conhecer mais, ouvir com atenção quem pensa e quem age em prol de uma educação que promove o conhecimento para vivermos melhor enquanto uma sociedade que prima pela democracia, pela participação do povo, de nós e do outro em permanente movimento de relações horizontalizadas. Fizemos amigos, juntamos pessoas para melhorar e gostar de estudar Paulo Freire. Nos sentimos provocados pelas ideias produzidas nos diferentes momentos do evento.

Sentimos a falta de dois convidados. O primeiro foi o do professor Cidoval Moraes da UEPB, que em razão de natureza pessoal não pode se fazer presente, mas encaminhou seu texto em forma de carta pedagógica a qual foi lida e, por ser tão bem aceita, por trazer tão importantes reflexões, foi recomendada sua inserção nos anais do evento. Quem as ler perceberá a boniteza das palavras escritas.

A outra ausência foi a da professora Lurima Estevez Alvarez de Cuba. Esta professora foi convidada a participar do evento por suas ideias ter aproximações com o pensamento de Paulo Freire. Ele mostrou esta aproximação no Fórum de Estudos Leituras de Paulo Freire realizado em Pelotas- RS em 2025. Infelizmente em função das condições econômicas de Cuba sua participação, que seria remota, não foi possível.

Como assinalei no início desta carta, o I Pré-Colóquio marcou um momento importante em nossa universidade. Por ser o primeiro, fica o compromisso, o desejo de fazer o segundo, o terceiro e neste sentido esperamos mesmos que possamos fazer, porque o mais importante é podermos manter o compromisso com o legado de Paulo Freire.

Concluo esta carta com um agradecimento especial ao Centro Paulo Freire, em especial a professora Erivalda dos

Santos Torres, não apenas por todo apoio dado ao evento com a logística administrativa de divulgação, inscrição, certificação e articulação com outros setores, mas também por sua presença em todos os momentos do evento.

Meus sentimentos de afetos freireanos a todos e todas.

Prof. José Luiz Ferreira

QUANDO OS CAMINHOS SE ENCONTRAM: FÓRUM E UNIVERSIDADE CONSTRUINDO DIÁLOGOS NO AGRESTE

**Carta Pedagógica do V Pré-Colóquio Internacional Paulo
Freire – Caruaru/2025**

Maria Erivalda dos Santos Torres⁶

Caruaru, dezembro de 2025

Ao Centro Paulo Freire – Estudos e Pesquisas

Queridas companheiras e queridos companheiros do
Centro Paulo Freire – Estudos e Pesquisas,

Escrevemos esta Carta Pedagógica para partilhar um
caminho. Um caminho tecido por encontros, vozes, saberes,
perguntas, afetos, inquietações e esperanças que, nos dias 3, 4 e
5 de dezembro de 2025, fizeram de Caruaru território de diálogo
e de reafirmação da atualidade do pensamento de Paulo Freire.

⁶Presidenta do Centro Paulo Freire-Estudos e Pesquisas com sede na UFPE/PE.
Coordenadora do Fórum Regional da EJA do Agreste Centro Norte/PE. Mestre em
Educação Contemporânea pela UFPE/CAA. PPGeduC. ORCID: 0009-0005-7649-
7214. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5577041654762304>. E-mail:
maria.ettorres@ufpe.br

O V Pré-Colóquio Internacional Paulo Freire – Caruaru nasceu e se materializou por meio da construção coletiva entre o Fórum Municipal de Educação de Caruaru e a Universidade Federal de Pernambuco – Centro Acadêmico do Agreste (UFPE/CAA), articulando universidade, educação pública, movimentos sociais, pesquisadores(as), professores(as), estudantes, crianças e diferentes sujeitos comprometidos com uma educação democrática, crítica e humanizadora.

Tivemos como horizonte a temática “Dialogicidade, Conscientização, Criticidade: O caminho se faz caminhando”. Mais do que anunciar um tema, procuramos vivê-lo. E, ao final desses dias, compreendemos ainda mais profundamente que o caminho freireano não está pronto à nossa espera: ele vai sendo constituído no encontro com o outro, na leitura crítica do mundo, na disposição para escutar, perguntar, problematizar e agir coletivamente.

E foi pelo diálogo que abrimos os primeiros caminhos dessa caminhada. Na noite de 3 de dezembro, o Auditório da Secretaria de Educação e Esportes de Caruaru tornou-se nosso primeiro território de encontro. As boas-vindas e a mesa de abertura deram início a um percurso que desejávamos, desde o princípio, participativo e comprometido com o diálogo. A

programação anunciava, para aquela noite, a mesa “Dialogicidade, Conscientização, Criticidade: O caminho se faz caminhando”, com Everaldo Fernandes, da UFPE/CAA, e Rubneuz Leandro, do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), sob a coordenação de Erivalda Torres, do Centro Paulo Freire/PPGEduC.

E foi uma boa conversa.

Uma conversa no sentido mais profundamente freireano da palavra: aquela que não reduz o encontro à exposição de quem sabe diante de quem escuta, mas reconhece a palavra como possibilidade de encontro entre sujeitos que têm histórias, experiências, conhecimentos e leituras de mundo.

A presença de uma voz da universidade e de uma voz constituída também nas lutas do MST tornou aquele momento especialmente significativo. Ali se encontravam conhecimentos acadêmicos, experiências populares, luta social e educação. A dialogicidade deixou de ser apenas conceito para ganhar materialidade no próprio modo como o Pré-Colóquio se iniciava.

Falamos de conscientização porque continuamos necessitando ler criticamente as condições concretas em que vivemos. Falamos de criticidade porque uma educação comprometida com a transformação não pode naturalizar

desigualdades, silenciamentos e injustiças. E falamos de caminho porque compreendemos, com Paulo Freire, que somos seres históricos, inconclusos, capazes de aprender, recriar e transformar.

Sáímos daquela primeira noite com a certeza de que o Pré-Colóquio havia começado como deveria: pela palavra compartilhada.

No dia seguinte, o caminho continuou e ganhou a delicadeza das vozes das crianças, que fizeram Paulo Freire chegar até nós por meio de sussurros. Na manhã de 4 de dezembro, o caminho nos levou ao Centro Acadêmico do Agreste da UFPE. A programação começava às 8 horas com os Sussurros Poéticos da Brigada Leitora e, em seguida, com os Círculos de Cultura.

Talvez poucas imagens expressem tão intensamente o sentido daquele dia quanto a chegada das crianças.

Meninos e meninas da rede pública municipal de Caruaru, do 1º ao 5º ano do Ensino Fundamental, com até 10 anos de idade, caminharam entre as pessoas levando consigo grandes tubos, com aproximadamente um metro de comprimento. Aproximavam-se de alguém, colocavam uma extremidade

daquele canudo junto à pessoa e, do outro lado, sussurravam palavras inspiradas em Paulo Freire.

E a palavra percorria aquele longo caminho até chegar ao ouvido de quem a recebia.

Foi simples. Foi poético. Foi profundamente pedagógico.

Por alguns instantes, Paulo Freire não chegou por meio de uma conferência, de um livro ou de uma apresentação acadêmica. Chegou pela voz de uma criança.

A universidade escutou as crianças.

Professoras e professores escutaram as crianças.

Pesquisadores(as) e estudantes escutaram as crianças.

E talvez esse tenha sido um dos gestos mais bonitos de todo o Pré-Colóquio: compreender que a palavra também pode ser sussurrada e, ainda assim, produzir ecos. Aqueles pequenos sussurros nos lembraram que uma educação dialógica exige sensibilidade para ouvir vozes que muitas vezes não ocupam o centro dos espaços acadêmicos.

Dos sussurros que tocaram os ouvidos e os afetos, seguimos para as rodas, fazendo do diálogo também caminho para a construção coletiva do conhecimento. Entre 9h e 12h, realizaram-se os Círculos de Cultura presenciais. Não queríamos reproduzir uma lógica em que cada pessoa apresentasse seu

trabalho isoladamente para uma plateia silenciosa. As próprias orientações do Pré-Colóquio assumiram o Círculo como espaço de trabalho em diálogo e de construção coletiva do conhecimento, propondo que pesquisas e experiências fossem compartilhadas na roda, com intervenções e participação das pessoas presentes.

Essa escolha metodológica também foi uma escolha política.

Os trabalhos foram organizados em quatro grandes eixos: Educação Popular, Movimentos Sociais e Democracia; Educação de Jovens e Adultos na Sociedade Contemporânea; Relações Étnico-Raciais, Diversidade e Justiça Social; e Currículos, Didáticas, Práticas Educativas e Interculturalidade na Perspectiva Freireana.

No primeiro Círculo, Educação Popular, Movimentos Sociais e Democracia, mediado por Fael Bezerra e Wyne Xucuru, colocaram-se em diálogo educação popular, resistência, movimentos sociais, formação política, culturas e saberes produzidos nos diferentes territórios. Os próprios trabalhos revelaram a pluralidade dessa roda: educação popular e emancipação social, hortas domésticas e enfrentamento da vulnerabilidade, integração social de pessoas idosas,

enfrentamento da violência de gênero, música como prática educativa, educação inclusiva, saberes-fazeres Xukuru e a presença educativa e cultural do Boi Tira Teima.

No Círculo Educação de Jovens e Adultos na Sociedade Contemporânea, mediado por Erivalda Torres, Joselma Franco e Sebastião Monteiro Oliveira, a EJA foi problematizada em sua historicidade, em suas políticas, na formação de professores(as), nos Fóruns da EJA e, sobretudo, nas experiências construídas com os próprios sujeitos dessa modalidade. As pesquisas apresentadas trouxeram questões como alfabetização por meio do cordel, inclusão, diálogo e autonomia, prática pedagógica no Agreste pernambucano, sensibilidade de professores(as), identidade da mulher e contribuições da EJA à formação inicial de professores(as).

O terceiro Círculo, Relações Étnico-Raciais, Diversidade e Justiça Social, mediado por Rosineide Gonçalves e Letícia Oliveira, colocou no centro do debate as práticas educativas antirracistas, as ações afirmativas, as diversidades, a inclusão e o enfrentamento aos preconceitos, em diálogo com os estudos freireanos. As pesquisas percorreram questões relacionadas à perspectiva transfeminista-decolonial, à dança como ato pedagógico, à valorização das identidades, às representações

quilombolas nos livros didáticos e à construção de práticas de enfrentamento ao racismo.

No quarto Círculo, Currículos, Didáticas, Práticas Educativas e Interculturalidade na Perspectiva Freireana, mediado por Cláudia Truká e Maria Edjane, os diálogos alcançaram direitos humanos, práticas inclusivas, educação do campo, povos indígenas, quilombolas, interculturalidade e processos decoloniais de ensino-aprendizagem. Foi também o eixo que reuniu expressivo conjunto de trabalhos sobre currículo, alfabetização e letramento, educação do campo, infância, gestão democrática, cultura local, agroecologia, formação de professores(as), cartografia social e Círculos de Cultura, mostrando a amplitude das possibilidades de recriação do pensamento freireano nas práticas educativas contemporâneas.

Assim, as rodas foram se constituindo como territórios de escuta e produção coletiva. Cada pesquisa trazia consigo uma realidade; cada experiência anunciava perguntas; cada intervenção fazia o conhecimento circular.

Ninguém caminhava sozinho. E a caminhada da manhã encontrou, na parte da tarde, outras formas de dizer, sentir e problematizar o mundo, articulando mística, cuidado com a

Terra e transformação social. Depois das rodas da manhã, a tarde trouxe outra dimensão fundamental da experiência.

Às 13h30, a Mística do MST abriu o novo momento. Não se tratava simplesmente de uma passagem entre atividades. A mística trouxe para o espaço acadêmico a dimensão simbólica da luta, da memória, da coletividade e da esperança. Corpo, expressão, história e compromisso político-pedagógico encontraram lugar naquele espaço.

Em seguida, realizou-se a mesa de diálogo “Educação Socioambiental e Ecologia Integral: caminhos para práticas emancipatórias e transformação social”, com Mônica Folema, da Cátedra Paulo Freire/UFRPE, e Raul Fonseca, da Secretaria de Educação e Esportes de Caruaru – Secretaria Executiva da Primeira Infância, sob a mediação de Janssen Felipe, da UFPE/CAA.

A discussão ampliou nossa compreensão sobre o sentido da emancipação. Não há projeto de humanização que possa ignorar o cuidado com a Terra, com os territórios e com as diferentes formas de vida. Pensar educação socioambiental e ecologia integral no interior de um encontro freireano significou reafirmar que a leitura crítica do mundo também precisa

interrogar a maneira como habitamos, exploramos, cuidamos, ou deixamos de cuidar, do mundo comum.

E, porque essa caminhada também se fez de cultura, produção do conhecimento, encontros e partilha, aproximamos-nos do encerramento daquele dia celebrando diferentes formas de expressão e de estar juntos. E porque educação não se faz apenas pela palavra acadêmica, encerramos aquela tarde com apresentação cultural, lançamento de livros e lanche coletivo, exatamente como previa a programação. A cultura ocupou seu lugar de direito.

Os livros chegaram como produções que registram pensamentos, pesquisas e experiências e que continuarão caminhando para além daqueles dias. O lançamento foi também celebração da autoria, da pesquisa e do conhecimento socialmente produzido.

E houve alimento. Sentar, conversar, encontrar pessoas, compartilhar o lanche, prolongar conversas iniciadas nos Círculos, rever companheiros e companheiras: tudo isso também constitui uma pedagogia do encontro. Porque os espaços de formação são feitos igualmente dessas relações aparentemente pequenas nas quais nos reconhecemos como pessoas que caminham juntas.

Mas a roda ainda precisava alcançar aqueles e aquelas que não puderam estar presencialmente conosco; por isso, no terceiro dia, o diálogo ultrapassou as fronteiras de Caruaru. Na noite de 5 de dezembro, das 19h às 21h, aconteceram os Círculos de Cultura on-line, conforme previsto na programação.

A modalidade virtual permitiu acolher aqueles(as) que, por diferentes razões, não puderam estar presencialmente em Caruaru, inclusive participantes de outros estados brasileiros.

A roda, então, ampliou-se. As distâncias geográficas não impediram o encontro. As telas tornaram-se espaços de diálogo e as vozes que chegavam de outros territórios passaram a integrar a caminhada iniciada dias antes em Caruaru.

Mais uma vez, compreendemos que um Círculo de Cultura não é definido pelo formato físico de suas cadeiras, mas pela postura político-pedagógica que sustenta o encontro: escuta, diálogo, problematização, respeito aos saberes e construção coletiva.

Ao chegarmos ao final desses três dias, olhar para o caminho percorrido significou também perguntar o que levávamos conosco dessa caminhada. Ao escrevermos ao Centro Paulo Freire – Estudos e Pesquisas, não queremos apenas dizer o que fizemos.

Queremos dizer o que essa experiência nos fez pensar. O V Pré-Colóquio Internacional Paulo Freire – Caruaru mostrou-nos que o pensamento freireano permanece vivo quando deixa de ser apenas referência bibliográfica e passa a orientar nossas escolhas, nossos encontros e nossos modos de construir conhecimento.

Paulo Freire se fez presente na mesa de diálogo entre universidade e movimento social, na voz das crianças que sussurraram palavras nos ouvidos dos adultos, nos Círculos em que pesquisas e experiências foram colocadas em relação e nas discussões sobre EJA, educação popular, movimentos sociais, democracia, relações étnico-raciais, diversidade, justiça social, currículos, práticas educativas, interculturalidade, educação do campo e formação de professores(as).

Freire se fez presente na mística, na preocupação com a Terra, na cultura, nos livros, no alimento partilhado, nas telas que aproximaram quem estava distante e esteve, principalmente, entre as pessoas.

Talvez seja essa uma das aprendizagens mais fortes que levamos de Caruaru: Paulo Freire permanece vivo quando sua pedagogia se transforma em relação, em pergunta, em escuta, em participação, em luta e em esperança.

É com essas aprendizagens, memórias e esperanças que dirigimos ao Centro Paulo Freire nossa palavra de partilha. Queridas companheiras e queridos companheiros,

Esta Carta chega ao Centro Paulo Freire como memória, mas também como anúncio. Memória de três dias em que diferentes sujeitos aceitaram o desafio de se encontrar e construir conhecimento coletivamente. Anúncio porque aquilo que vivemos não termina com o encerramento da programação. Os trabalhos apresentados seguirão também como produção acadêmica, uma vez que as orientações do Pré-Colóquio preveem sua publicação nos anais do evento.

Cada diálogo iniciado poderá gerar outros diálogos. Cada pesquisa poderá provocar novas perguntas. Cada criança que sussurrou uma palavra poderá levá-la consigo. Cada participante poderá retornar ao seu território com novas inquietações e possibilidades de ação.

Por isso, ao encerrarmos o V Pré-Colóquio Internacional Paulo Freire – Caruaru, não sentimos que chegamos ao fim de um percurso.

Sentimos que continuamos caminhando.

Caminhamos porque ainda há desigualdades a enfrentar.

Caminhamos porque a democracia precisa ser cotidianamente construída.

Caminhamos porque a educação pública necessita ser defendida.

Caminhamos porque há vozes que ainda precisam ser ouvidas.

Caminhamos porque a esperança freireana não é espera: é movimento, compromisso e ação transformadora.

E caminhamos porque acreditamos que a educação, quando fundada no diálogo, na criticidade, na conscientização e na capacidade humana de transformar a realidade, continua sendo uma possibilidade concreta de construção de outros mundos.

De Caruaru, no Agreste pernambucano, enviamos ao Centro Paulo Freire – Estudos e Pesquisas esta Carta como registro de uma experiência construída por muitas mãos, muitas vozes e muitos sonhos.

Que os sussurros das nossas crianças continuem ecoando.

Que os Círculos continuem formando rodas.

Que as rodas continuem produzindo perguntas.

Que as perguntas nos coloquem em movimento.

E que sigamos, coletivamente, fazendo do caminho uma práxis de diálogo, conscientização, criticidade, esperança e transformação. Porque aprendemos, mais uma vez, que o caminho não estava pronto.

Nós o fizemos caminhando. Com afeto, esperança e compromisso,

Fórum Municipal de Educação de Caruaru

Universidade Federal de Pernambuco – Centro Acadêmico do Agreste (UFPE/CAA)

Primavera de 2025

Erivalda Torres

Presidenta do CPFreire/PE

**COIMBRA: ONDE SABERES SE ENCONTRAM E
CAMINHOS SE ENTRELAÇAM**

**Carta Pedagógica do I Pré-Colóquio Internacional Paulo
Freire – Coimbra, Portugal/2026**

André Gustavo Ferreira da Silva⁷

Joaquim Luís Medeiros Alcoforado⁸

Maria Aparecida Vieira de Melo⁹

Coimbra, 15 de junho de 2026

À Presidenta do Centro Paulo Freire - Estudos e Pesquisas, Profa. Maria Erivalda dos Santos Torres, e demais companheiros e companheiras, nossas saudações!

Queridas companheiras e queridos companheiros,

É com o coração pleno de alegria e alimentado pela esperança freireana que escrevemos esta Carta Pedagógica, em resposta ao seu afetuoso chamado, professora Erivalda. Olhar

⁷ Professor Dr. da Universidade Federal de Pernambuco

⁸ Professor Dr. da Universidade de Coimbra

⁹ Professora Dra. Da UFRN. Diretora Pedagógica do Centro Paulo Freire-Estudos e Pesquisas

retrospectivamente para os dias 24, 25 e 26 de fevereiro de 2026 é reviver um marco histórico e afetivo: a celebração dos 50 anos de Paulo Freire na Universidade de Coimbra. Como bem nos lembra o nosso mestre: Paulo Freire em sua obra *Pedagogia da Esperança*, sua visita a Portugal após a Revolução dos Cravos gerou diálogos profundos com professores e estudantes, raízes estas que frutificaram e se espalharam pelos debates contemporâneos que promovemos, como foi lindo!

O planejamento e a articulação deste Pré-Colóquio traduziram, na prática, a nossa busca por uma construção coletiva e dialógica. Conseguimos reunir uma teia rica de instituições e sujeitos comprometidos com a transformação social. Sob a dedicada moderação e articulação de docentes da Universidade de Coimbra (UC), como as professoras Filomena Gaspar e Albertina Lima Oliveira e o professor Luís Alcoforado, estabelecemos pontes com diversas universidades portuguesas e internacionais.

Nesse cenário de partilha, a mesa de debates ganhou uma relevante dimensão ibérica e europeia. Contamos com as ricas contribuições da Professora Marília Sota Favinha (Universidade de Évora - UE), que trouxe para o centro da reflexão a realidade e os desafios da formação e da intervenção educativa na região

do Alentejo, e também com o olhar internacional do Professor Paolo Vittoria (Universidade de Nápoles - Itália), cuja presença revigorou o debate ao conectar as experiências locais portuguesas com as correntes e lutas da pedagogia crítica no cenário mediterrâneo e global. Junto a eles, somaram-se as vozes dos palestrantes António Fragoso (UALg/CEAD), José Pedro Amorim (UP) e Lurdes Pratas Nico (UTAD). Foi de facto um momento de muita emoção, memória e pertinência.

Destacamos, Professora Erivalda que, fiel ao lema "Dialogicidade, Conscientização, Criticidade: O caminho se faz caminhando", o coração metodológico do evento pulsou intensamente na vivência de três Círculos de Cultura. A escolha por realizá-los de forma híbrida transcendeu a mera funcionalidade tecnológica: constituiu uma opção político-pedagógica de quebra de fronteiras, permitindo que pesquisadores, educadores e estudantes em Portugal e no Brasil partilhassem o mesmo espaço de denúncia e anúncio. Essa relevância tornou-se nítida na articulação com a riqueza dos trabalhos científicos e relatos de experiência apresentados:

Círculo de Cultura I (EIXO 1 - Educação de Jovens e Adultos na Sociedade Contemporânea): O formato híbrido viabilizou um intercâmbio direto e emocionante sobre os desafios

da EJA. De um lado, discutiu-se a realidade ibérica por meio de trabalhos como o estudo sobre o Perfil do Aluno à Saída da Escolaridade Obrigatória nos Sistemas Educativos Ibéricos. Do outro lado das telas, participantes no Brasil integraram o círculo partilhando as vivências do norte e nordeste do país, exemplificadas em investigações como a Educação de Jovens e Adultos no Acre: Alfabetização à luz de Paulo Freire e a Práxis de Paulo Freire na Educação Prisional da Bahia. A hibridização materializou a própria problematização trazida por trabalhos do eixo que versavam sobre a Exclusão Digital e Cidadania na EJA e a Virtualização do Ensino de Jovens e Adultos, transformando a tecnologia em uma ferramenta de inclusão e acolhimento residencial e institucional, ecoando as reflexões trazidas pela própria Prof.^a Marília Favinha em coautoria no eixo.

Círculo de Cultura II (EIXO 2 - Educação Socioambiental, Ecologia Integral e Práticas Emancipatórias): Este círculo demonstrou o potencial da rede transfronteiriça ao debater a emergência climática e a sobrevivência das comunidades. Os participantes vivenciaram uma verdadeira Cidadania Ecológica em Círculos de Cultura Virtuais, título de uma das produções apresentadas. O debate híbrido permitiu conectar investigações sobre Programas de Prescrição Social e

Ecopedagogia desenvolvidos em Portugal com gritos de alerta do território brasileiro, como o trabalho que tratou do Silêncio Pedagógico em uma Escola Atingida pelo Rompimento de Barragem de Minério de Ferro e o relato do círculo de cultura sobre as Queimadas Criminosas.

Círculo de Cultura III (EIXO 3 - Formação de Trabalhadores da Educação e EIXO 4 - Currículos, Didáticas e Interculturalidade): A confluência híbrida destes eixos debateu o engajamento político e a decolonialidade na formação docente. Trabalhos focados na Investigación Educativa en la Formación del Profesorado en Clave Decolonial dialogaram com experiências de internacionalização doutoral e discussões acerca do Discurso sobre a Indisciplina à Luz de Freire, este último contando também com a colaboração da Prof.^a Marília Favinha e autoria de sua diretora pedagógica que na ocasião está por cá a fazer seu estágio pós-doutoral, a professora Maria Melo. A interculturalidade saltou das páginas das pesquisas, como as que analisaram as Diretrizes Curriculares para a Educação Escolar Quilombola e a Educação Escolar Indígena com o Povo Guajajara, para estruturar a própria dinâmica virtual da sala, permitindo uma partilha viva de saberes entre a Amazônia, o Uruguai e o contexto europeu.

Bom e foi assim num processo transcircular que houve a interação mística na partilha de saberes vivenciados com dedicação, empenho e entusiasmo, requerendo sair da Universidade de Coimbra por caminho a fora até a conclusão do círculo híbrido que pela virtualidade não teriam horário de fechamento da sala, foi de facto interessante a sua culminância. Salientamos a constatação de que a teoria nos munuiu de criticidade, foram a arte e a memória que nos inundaram de emoção e sensibilidade. Jamais esqueceremos a força do momento dedicado às Canções de Coimbra e poesia pela Democracia e Liberdade. Recordar as canções de Zeca Afonso, que nos anos 1970 apelavam a uma outra forma de estar em sociedade e ouvir os relatos de antigos estudantes que usavam o Método Paulo Freire na alfabetização e no teatro comunitário da região de Coimbra em pleno período revolucionário nos lembrou de que a educação é, antes de tudo, um ato de fé nas pessoas e na ação com animação cultural.

Esse resgate histórico culminou de forma emocionante na mesa de diálogo de encerramento. Ouvir o professor João Gouveia Monteiro (FLUC) rememorar sua experiência como jovem alfabetizador em 1976, cruzando sua vivência com a atuação global de Sónia Mairos Ferreira (OMS) na educação

comunitária em diferentes continentes, provou que a pedagogia de Freire permanece viva, atual e transfronteiriça.

O principal desafio que identificamos e que levamos como aprendizagem é a necessidade urgente de não deixar que o pensamento freireano seja reduzido a uma teoria abstrata dentro dos muros acadêmicos. Os debates nos instigaram a manter o compromisso ético e político com as bases, reinventando os círculos de cultura para responder às crises socioambientais e aos desafios da interculturalidade e da formação docente no século XXI.

Este Pré-Colóquio em Coimbra não foi apenas um evento comemorativo; ele reafirmou que o pensamento de Paulo Freire é uma ferramenta de luta e de leitura de mundo indispensável para Portugal e para o mundo. Deixamos aqui o nosso compromisso de seguir caminhando e estendendo esses fios dialógicos até o grande encontro do XIII Colóquio Internacional Paulo Freire.

Com nossos melhores cumprimentos, profunda gratidão, esperança e companheirismo,

André Gustavo Ferreira da Silva
Joaquim Luís Medeiros Alcoforado
Maria Aparecida Vieira de Melo

RECIFE: RAÍZES FREIREANAS, DIÁLOGOS QUE ANUNCIAM NOVOS CAMINHOS

Carta Pedagógica do IV Pré-Colóquio Internacional Paulo Freire – Recife/2026

Thaylanne Maria de Lira ¹⁰

Viviane de Bona ¹¹

Andressa Rodrigues do Santos¹²

Recife, 26 de junho de 2026.

Caríssimo Centro Paulo Freire - Estudos e Pesquisas,
Saudações freireanas,

É com grande satisfação que compartilhamos, por meio desta carta, as ricas aprendizagens experienciadas durante o planejamento e realização do IV Pré-Colóquio Internacional Paulo Freire - Recife/PE, ocorrido entre os dias 04 e 05 de março de 2026. Em sua quarta edição, o Pré-Colóquio - Recife configurou-se como uma iniciativa estratégica de diálogo,

¹⁰ Estudante de Pedagogia do centro de Educação-UFPE/PE

¹¹ Professora Dra. Da UFPE/Recife

¹² Professora Pesquisadora na UFRPE

intercâmbio acadêmico e construção coletiva de saberes, fruto da parceria institucional entre o Centro Paulo Freire – Estudos e Pesquisas (CPFreire) e a Escola de Formação e Aperfeiçoamento de Educadores do Recife Professor Paulo Freire. Nos dois dias, reunimos Instituições de Ensino Superior públicas e privadas, Movimentos Sociais, Secretarias Municipais, as Gerências Regionais de Educação de Pernambuco, sindicatos e organizações não governamentais comprometidas com a pedagogia freireana. Tal composição multifacetada evidencia a potência do Pré-Colóquio enquanto espaço de circulação de saberes, diálogo intercultural e consolidação de práticas educativas críticas, tanto no contexto regional quanto no âmbito internacional.

Apesar dos desafios enfrentados na organização, reafirmamos que a amorosidade e o compromisso político-pedagógico por uma educação transformadora nos fortaleceu para enfrentar as dificuldades e o cansaço.

É pertinente destacar, todavia, que o planejamento e organização desse encontro contou com um coletivo que prontamente se dividiu em coordenações dos eixos para então se responsabilizar pelas ações que envolveram os dois dias previstos. Recebemos diferentes apoios, desde a mobilização do

lugar onde aconteceria, até as pastas, canetas, blocos, atividades artísticas e lanches oferecidos. Tudo caminhava conforme o previsto quando, na véspera do evento, foi necessária a troca de lugar. Mas o desejo de que o evento fosse inesquecível obteve a compreensão de todas as pessoas, que sem exitar se deslocaram ao novo espaço. Agradecemos a pronta acolhida da Faculdade de Administração e Direito da UPE, que disponibilizou o auditório e salas para que pudéssemos manter todas as atividades.

Bom, vamos seguir para o encontro? O dia 04 de março de 2026, primeiro dia do Pré-Colóquio, amanheceu com um sol lindo! Claro que o trânsito típico do Recife deu aquela atrasadinha no início da programação, mas nada que tirasse o brilho da abertura. O Coral dos Aposentados do SINPROJA encantou todo mundo no auditório! Dá pra dizer, CPFreire, que ali, naquele momento, foi possível testemunhar que a educação e a arte caminham de mãos dadas e para todas as idades.

Na sequência, tomadas/os por uma alegria e bem-estar ocasionado pelas canções escutadas, aconteceu a Mesa institucional de abertura composta por: Erivalda Torres presidenta do Centro Paulo Freire-Estudos e Pesquisas/PPGduC; Séphora Freitas – Presidenta do SINPROJA; Ivete Caetano – Presidenta do SINTEPE; Joelma

Braga – Fórum Metropolitano da EJA do Recife; Marília Gabriela Guedes – Representando a Cátedra Paulo Freire/UFPE; Monica Folena – Cátedra Paulo Freire/UFRPE e Mauro Silva – Representante da Secretaria de Educação do Recife.

Em cada momento de fala, as pessoas foram relembando a caminhada que nos trouxe até aqui: mais uma preparação para um Colóquio Internacional Paulo Freire, o XIII. E que grandes passos já demos! Grandes avanços, alguns tropeços pelo caminho, mas sempre com a esperança viva e a convicção de que o caminho se constrói caminhando.

Aliás, esse foi o tema da nossa Mesa inicial: Dialogicidade, conscientização, criticidade:

o caminho se faz caminhando. Vivenciamos um diálogo potente e democrático, que contou com as vozes de estudantes de graduação, Larissa Fernanda e pós-graduação, Renata Vilar, lado a lado com professoras da Educação Básica, Madja Leal e do Ensino Superior, Fernanda Carvalho, reafirmou o encontro como um espaço legítimo de partilhas horizontais, em que diferentes saberes se complementam. Mediadas pela companheira Séphora Freitas, juntas teceram reflexões profundas sobre a urgência de uma educação humanizadora e

conscientizadora dentro do chão da escola. Discutimos a importância de plantar as sementes da criticidade e do diálogo para as crianças, adolescentes, jovens, adultos e idosos, até porque a educação defendida por Freire é para todas as pessoas.

Mas, o ponto alto desta mesa que comoveu o público participante foi a fala da estudante de graduação. CPFreire, pense em uma menina arretada! Com uma coragem admirável, Larissa Fernanda compartilhou sua trajetória pelo Ensino Médio, lembrando uma escola que, infelizmente, passou longe de cumprir a sua função social. Ela ao mesmo tempo que anuncia, também denuncia as marcas de uma educação tradicionalista e tecnicista que ainda persiste na atualidade brasileira, com a ausência de aprendizagens significativas e as barreiras no diálogo com os professores da época. Uma narrativa dolorosa, porém necessária, que ganhou ainda mais luz quando ela trouxe o conceito de confluências de Nêgo Bispo para pensar uma nova realidade. Ao contrapor a rigidez daquela escola tradicional com a sabedoria do compartilhamento, Larissa nos mostrou o dever que todos e todas trabalhadores e trabalhadoras da educação precisamos ter, de lutar por um processo de ensino e de aprendizagem que promova a liberdade de expressão, evidencie os educandos e educandas como produtores/as de culturas e

sentidos, para que assim seja viabilizada na sala de aula a construção de saberes de forma coletiva.

A programação da tarde nos convidou para mais uma vivência genuína do legado freireano, a realização dos Círculos de Cultura. Antes, tivemos a honra de escutar a D. Santinha, que é estudante da EJA de uma Escola Estadual de Abreu e Lima-PE, e nos agraciou com um repente destacando a força da mulher e dos ensinamentos adquiridos nos diferentes espaços sociais, valorizando todos/as os/as educadores/as. CPFreire, é nesse momento que a fala, a reflexão e a realidade se encontram, construindo um quefazer, daquele tipo que Freire nos inspira a fazer, imerso na unidade teoria-prática e desenvolvido através da reflexão-ação. Mas acho que já sabes disso, né? Foram 23 trabalhos dialogados nos seguintes eixos temáticos: Eixo 1: Educação Socioambiental, Ecologia Integral e Práticas Emancipatórias e o Eixo 3: Relações Étnico-Raciais, Diversidade e Justiça Social, coordenados por Séphora Freitas do Simproja, Joseane Maria do Nascimento, Debora Bezerra de Santana e Andressa Rodrigues dos Santos - Cátedra Paulo Freire da UFRPE; Eixo 2: Educação Emancipatória, Novas Tecnologias e Inteligência Artificial: Complexidade, Desafios e Práxis, coordenado por Anair Mello - FADIMAB, Centro Paulo Freire

e MSI-PE; Eixo 4: Formação de Trabalhadores e Trabalhadoras da Educação: Engajamento Social, Político e Pedagógico, coordenado por Joelma Braga e Edilene Rocha, ambas do Fórum Metropolitano da EJA do Recife.

Esses espaços promoveram uma transversalidade enriquecedora, onde não havia a frieza dos slides, nem a rigidez metódica das comunicações tradicionais, a dialogicidade estava presente! O que sustentava o diálogo, era o olho no olho, a experiência na ponta da boca, a escuta sensível e a coletividade. Cada participante, ao relatar sua pesquisa ou experiência, ia tecendo sua fala a partir do outro, evidenciando o que Paulo Freire já enfatizava em sua época: a necessidade dos seres humanos educarem-se em comunhão. E foi assim que o primeiro dia terminou, com as mentes fervilhando saberes e transbordando provocações e expectativas, afinal o último dia nos reservava ainda mais atividades para continuar esperando.

Seguimos, CPFreire, para a jornada final deste Pré-Colóquio! Para iniciar as atividades do dia 05 de março de 2026, fomos presenteados com uma linda, sensível e delicada apresentação do poema “À Sombra desta Mangueira”, de Paulo Freire, recitado por duas monitoras do evento, estudantes de

graduação de Psicologia e Pedagogia, Maria Carolina e Maria Elaine, respectivamente. Ouvir essas jovens nos permitiu retornar os quintais das nossas infâncias e enteneceu a esperança de um futuro comprometido pela mudança educacional.

A manhã deste dia foi dedicada às Oficinas e Minicursos. Desde o dia anterior, os/as participantes puderam escolher livremente as atividades de seu interesse, registrando seus nomes em cartazes disponibilizados para cada oficina e minicurso. Essa dinâmica possibilitou que cada pessoa participasse das discussões mais alinhadas às suas experiências, necessidades e interesses. Essa programação matinal contou com a realização de três oficinas e dois minicursos, proporcionando momentos de reflexão e troca de experiências e de conhecimentos. As oficinas foram: “Amar o mundo, a natureza e a todas as gentes: um ato de coragem e compromisso com a vida”, ministrada por Targelia de Souza Albuquerque, que promoveu reflexões sobre o cuidado com a vida e a construção de relações mais solidárias pautadas no diálogo freireano, mesmo quando há divergências ideológicas entre as pessoas; “O mundo cabe num quintal: lembrando a infância com Freire”, ministrada por Júlia Maciel, Thaylanne Lira e Viviane de Bona, buscou memórias da

infância e suas contribuições para os processos educativos; e “Tranças afro: ancestralidade, saberes, beleza cultural – caminhos dialógicos do quefazer transformador”, ministrada por Tereza França e Denize Silva, que valoriza a cultura afro-brasileira, a ancestralidade e os saberes tradicionais como elementos de transformação social e educativa.

Além disso, foram oferecidos os minicursos “Educação, direitos humanos, políticas públicas, inclusão e cultura de paz”, ministrado por Sandra Montenegro e Fernanda Carvalho e “Educação de Jovens e Adultos na sociedade contemporânea”, ministrado por Joelma Braga, os quais possibilitaram discussões sobre a garantia de direitos, a inclusão social, a promoção da cidadania e os desafios da educação na atualidade, que deve ser pautada em um compromisso ético-político com a construção de um mundo mais justo.

Para retomarmos as nossas atividades na tarde do segundo dia, fomos agraciadas/os com a participação da professora Marta, da rede de Jaboatão dos Guararapes que, com toda sua sensibilidade freireana, declamou uma poesia autoral, lembrando os momentos inspiradores proporcionados pelo encontro. Em seguida, inspiradas/os pela poesia, vivenciamos a “Ciranda Cultural de Saberes: Quando a Cultura Fala, a

Educação se Transforma”, nesse momento foram distribuídas fitas de cores diferentes para o público, em seguida, foi solicitado que se formassem grupos a partir das cores em comum. Os grupos foram orientados a discutir e fazer uma síntese das aprendizagens construídas durante o evento. Foi lindo de se ver! Os grupos elaboraram diferentes formas de comunicar o que foi vivenciado: uns optaram por poesias, outros cantaram músicas, o que importa é que, independentemente da forma como foi realizada a comunicação, foi possível perceber a potência do nosso encontro!

Ainda na esteira das aprendizagens construídas, seguimos para os momentos de encerramento do nosso Pré-Colóquio, após as belíssimas reflexões, fomos envolvidas/os pela contação de história. A Professora Targélia nos contou sobre a infância e início da juventude de Paulo Freire, nos fazendo refletir sobre a grandiosidade do nosso patrono da educação que demonstrava desde a tenra idade sua sensibilidade e empatia, apesar de todas as dificuldades que vivenciou.

Em seguida, fomos convidadas/os a sentir o poder da coletividade, a musicalidade esteve, mais uma vez, presente. Mas, desta vez, suscitou movimentação, ritmo e expansão através do canto. Nos envolvemos em uma grande ciranda que fez o chão

tremer a cada batida de pés do público presente, ao som do pandeiro tocado pelas mãos da professora Andressa, fomos incentivadas/os a cantarmos a música "Essa Ciranda", de Lia de Itamaracá, que em um dos seus versos diz: “Minha ciranda não é minha só, Ela é de todos nós”, coincidindo com o pensamento Freireano que nos incita a pensar sempre coletivamente e democraticamente para a construção de um “mundo menos arestoso”, como ele mesmo disse em Pedagogia da Indignação ao falar do seu sonho.

Como é lindo ver todas e todos formando uma só voz, ecoando a força da nossa cultura e conectando os corpos ao mesmo tempo, assim o poder da coletividade reverbera em nós. No centro dessa roda, em uma dinâmica viva, emanções de boas energias cruzavam o espaço, e encerravam-se com vozes somadas em cantos com balões e fitas coloridas abrillantando o momento. Não foi apenas o fim de um encontro, mas a celebração de uma educação que abraça e que só faz sentido quando compartilhada entre todas as gentes. Por tudo o que vivemos e aqui relatamos, agradecemos a todas as pessoas e instituições que compartilharam conosco esse momento. Reiteramos nossa gratidão ao Centro Paulo Freire - Estudos e Pesquisas pela

parceria e inspiração, certos de que seguiremos juntas e juntos na construção de práticas educativas libertadoras.

Com carinho,

Thaylanne Maria de Lira
Viviane de Bona
Andressa Rodrigues do Santos

**O CAMINHO SE FAZ CAMINHANDO: QUANDO A
ESPERANÇA ENCONTRA A PRÁXIS**
**Carta Pedagógica do III Pré-Colóquio Internacional Paulo
Freire – Maceió/AL**

Abdizia Maria Alves Barros

Regileno Luis de Souza – Regis de Souza

Maceió, Alagoas, março de 2026.

Querido Centro Paulo Freire e Paulo Freire,

Escrevemos esta carta depois de caminhar por dois dias em que tua presença foi sentida não apenas nas palavras pronunciadas, mas sobretudo nos gestos, nos encontros, nos silêncios, nas lágrimas, no imprevisto, nas memórias e na esperança compartilhada entre tantas pessoas que continuam acreditando que a educação pode transformar o mundo.

Chegamos ao III Pré-Colóquio Internacional Paulo Freire (Maceió-AL) imaginando participar de um evento acadêmico. Saímos dele compreendendo que estivemos presentes em um verdadeiro ato político-pedagógico de resistência.

A abertura do encontro já anunciava o que viveríamos. Não havia palco distante do povo. Havia roda. Havia chão. Havia barro, sementes, Livros, chapéu de palha, peneira, tecidos, plantas e objetos carregados de memória. A mística nos lembrava que toda educação nasce da vida concreta das pessoas e que ninguém educa fora da história. Ali entendemos, mais uma vez, que o conhecimento não começa na universidade, mas nas experiências humanas que cada sujeito traz consigo.

Durante aqueles dias, escutamos histórias que nos ensinaram muito mais do que conceitos.

Uma delas nos marcou profundamente: a narrativa de uma mulher que encontrou, na articulação entre fé e política, a possibilidade de compreender que sua pobreza não era vontade divina, mas consequência das desigualdades produzidas por uma sociedade profundamente injusta. Sua fala nos recordou teu ensinamento de que a conscientização não acontece para produzir revolta vazia, mas para alimentar o compromisso ético com a transformação do mundo. Descobrimos que a esperança não é espera; é movimento. É verbo. É ação. É esperar.

Aprendemos que dialogicidade, conscientização e criticidade não são apenas categorias presentes em teus livros. São modos de viver a educação.

Cada mesa reafirmou que ensinar exige coerência entre discurso e prática. Ser freireano não consiste em repetir teu nome ou citar tuas obras, mas em construir cotidianamente uma prática comprometida com a dignidade humana, com a justiça social e com os sujeitos historicamente excluídos da escola e da sociedade.

As reflexões sobre a Educação de Jovens, Adultos e Idosos tocaram profundamente nossas convicções. Escutamos que diplomas não podem ser confundidos com conhecimento, pois homens e mulheres trabalhadores/as carregam consigo saberes produzidos na vida, no trabalho, na família, na comunidade e na resistência cotidiana.

Compreendemos que reconhecer esses saberes é condição indispensável para construir uma educação verdadeiramente democrática.

Também fomos provocados a ampliar nosso olhar histórico.

Embora reconheçamos a contribuição fundamental da Igreja Católica progressista e da Teologia da Libertação na construção da Educação Popular, fomos convidados a refletir criticamente sobre outras experiências históricas frequentemente invisibilizadas. Os movimentos negros, as

organizações populares, as associações comunitárias e tantos outros coletivos também alfabetizaram, organizaram e conscientizaram sujeitos muito antes de esse reconhecimento chegar às universidades. Essa compreensão amplia nossa leitura da história da Educação Popular e fortalece o compromisso com uma pedagogia verdadeiramente plural, diversa e emancipadora.

Outra inquietação permaneceu ecoando em nós.

Como aceitar que Alagoas, terra onde tantas sementes da Educação Popular floresceram, continue convivendo com índices tão elevados de analfabetismo? Como admitir que o direito à educação ainda seja negado a milhares de jovens, adultos e idosos? Essas perguntas não encontraram respostas prontas, mas fortaleceram nossa certeza de que alfabetizar continua sendo um compromisso político com a democracia e com a justiça social.

Voltamos para casa diferentes.

Sáímos convencidos de que a Educação Popular permanece viva sempre que professores e professoras escolhem escutar antes de falar; sempre que reconhecem os saberes populares; sempre que recusam práticas autoritárias; sempre que compreendem a sala de aula como espaço de diálogo, de

problematização da realidade e de produção coletiva do conhecimento.

O Pré-Colóquio nos ensinou que a educação continua sendo um ato de coragem.

Coragem para denunciar injustiças.

Coragem para anunciar possibilidades.

Coragem para defender a escola pública.

Coragem para lutar pela Educação de Jovens, Adultos e Idosos.

Coragem para teimar.

Coragem para permanecer esperançando, mesmo quando os tempos parecem difíceis.

Seguiremos caminhando.

Porque aprendemos contigo que ninguém transforma o mundo sozinho.

Transformamo-nos uns com os outros.

Educamo-nos em comunhão.

Esperançamos coletivamente.

E seguimos acreditando que outro mundo continua sendo possível quando a educação permanece comprometida com a liberdade, a democracia, a dignidade humana e a emancipação dos povos.

Receba nossa gratidão.

Mais do que estudar tua obra, desejamos honrá-la em
nossa prática cotidiana.

Seguiremos semeando esperança.

Seguiremos fazendo da educação um ato de amor, de luta
e de libertação.

Com afeto, compromisso e esperança.

Com muito afeto,

Professora Dra. Abdizia Maria Alves Barros

Professor Me. Regileno Luis de Souza – Regis de Souza

Participantes do III Pré-Colóquio Internacional Paulo Freire

Maceió – Alagoas

Março de 2026

TERESINA: VOZES QUE DIALOGAM, SABERES QUE TRANSFORMAM

Carta Pedagógica do III Pré-Colóquio Internacional Paulo Freire – Teresina/PI-2026

Antonio Ferreira de Sousa Sobrinho¹³

Ao Centro Paulo Freire – Estudos e Pesquisas.

Prezados(as) companheiros,

A apresentação de uma relatoria em forma de Carta Pedagógica, contemplando o processo vivido durante a realização do III Pré-Colóquio Internacional Paulo Freire, que aconteceu em Teresina, capital do Piauí, nos dias 12 e 13 de março de 2026, é a finalidade dessa missiva dirigida ao Centro Paulo Freire- Estudos e Pesquisas.

Com a experiência e os aprendizados dos dois Pré-Colóquios realizados com o Centro Paulo Freire, partimos para o planejamento do III Pré-Colóquio que se inicia com uma discussão no coletivo do Fórum de EJA para definição de eixos

¹³ Professor Dr. da Universidade Federal do PI. Coordenador do Fórum Estadual da EJA/PI.

temáticos, temas das palestras, convidados, período de realização, apoios e parcerias, tudo em articulação com a direção do Centro Paulo Freire.

O primeiro passo foi a constituição de equipes de trabalho distribuídas por coordenação do evento, infraestrutura e apoio logístico, comitê científico, coordenação dos eixos temáticos. Inicialmente, buscou-se apoio financeiro de instituições e pessoas para viabilizar a presença de palestrantes convidados. Obtivemos uma pequena ajuda financeira para ajudar na compra da passagem de uma palestrante de Recife-PE.

Tecendo-se a partir do legado vivo de Paulo Freire, o III Pré-Colóquio Internacional Paulo Freire, Teresina-PI, afirma-se como um tempo-espço de encontro, escuta e construção coletiva de saberes e aconteceu nos dias 12 e 13 de março de 2026, no formato presencial. O evento reuniu instituições de Ensino Superior públicas e privadas, Movimentos sociais e populares. Dirigentes municipais, gerências regionais de Educação, Sindicato dos profissionais da Educação(-SINTE -PI)e organizações da sociedade civil, fortalecendo uma ampla articulação comprometida com uma educação crítica, democrática e socialmente referenciada. O espaço onde evento

aconteceu, foi o auditório e sala do Centro de Ciências da Educação, da UFPI.

Mais do que um momento preparatório do XIII Colóquio Internacional Paulo Freire (2026), a terceira edição do Pré-Colóquio de Teresina consolida-se como um ato político-pedagógico, voltado a problematização dos desafios educacionais e sociais que atravessam a realidade regional.

No Edital publicado no site do Centro Paulo Freire-Estudos e Pesquisas e nas redes sociais do Fórum EJA DO PI, consta o tema central do III Pré-Colóquio e as demais informações sobre a programação. O tema central, definido pelo Centro Paulo Freire, em reunião com os vários sócios da entidade, foi “DIALOGICIDADE, CONSCIENTIZAÇÃO, CRITICIDADE :O caminho se faz caminhando”. A primeira mesa de diálogo teve o tema central como foco das explanações e como expositores/debatedores Paulo Roberto de Sousa e Silva, da SECADI/MEC e MST, a professora Erivalda Torres, presidenta do Centro Paulo Freire e o professor Francisco Williams Gonçalves Soares, UFPI/CCE/PPGED, tendo como mediadora a professora doutora Maria do Socorro Borges da Silva, UFPI/PPGED. Todas as falas dos expositores destacaram o significado de cada uma das palavras que compõem o tema

central e chamaram para a necessidade de se trabalhar a pedagogia freireana como referência para a nossa educação. No dia 13/03, pela manhã tivemos a apresentação dos trabalhos nos círculos de cultura distribuídos nos eixos temáticos: Relações étnico raciais, diversidade e justiça social; educação de jovens e adultos na sociedade contemporânea e educação popular, movimentos sociais e democracia. Na parte da tarde tivemos a mesa de encerramento com o tema “A presença de Paulo Freire na educação piauiense”, tendo o deputado do Partido dos Trabalhadores, Francisco das Chagas Limma, a professora doutora Samara Oliveira e Silva, da UESPI, a professora Gilmania Francisca Sousa de Carvalho, da SDUC/UEJA como palestrantes/debatedores e o professor Antonio Ferreira de Sousa Sobrinho, UFPI/FORUM EJA como mediador. A fala do Deputado Limma reportou-se ao conteúdo da Lei nº 7526/2021, de sua autoria, sancionada em julho de 2021, que institui a Semana “Paulo Freire” da Educação, que objetiva promover ações, debates e atividades educacionais, culturais e pedagógicas alinhadas as práticas e princípios da educação popular, cidadã e transformadora.

O III Pré-Colóquio Paulo Freire, de Teresina, foi marcado por calorosas discussões em torno da pedagogia

freireana, pela presença e participação de um grupo de educadores adeptos da pedagogia de Freire que relataram suas vivências e experiências. Vale destacar a presença de um parlamentar que se dispôs dialogar e debater com os participantes alternativas para viabilização da lei de criação da Semana Paulo Freire no Piauí, resultado de um projeto de Lei de sua autoria. Esperamos a partir desse III Pré-Colóquio Internacional Paulo Freire realizar outros eventos em vários espaços públicos com o propósito de tornar conhecida e adotada a educação emancipadora.

Esperamos contar com mais apoio das instituições públicas de educação básica e de ensino superior, escolas e movimentos sociais para que tenhamos uma ação mais abrangente e maior alcance.

Atenciosamente,

Antonio Ferreira de Sousa Sobrinho

UNICAMP: MEMÓRIAS QUE CAMINHAM, DIÁLOGOS QUE REINVENTAM PAULO FREIRE

**Carta Pedagógica do I Pré-Colóquio Internacional Paulo
Freire – UNICAMP, 9 e 10 de abril de 2026**

Ana Paula Silveira

Andrea da Paixão Fernandes

Camila Lima Coimbra

Cássia Sales Kirchner

Juliana Rodrigues

Maria Aparecida Satto Vilela

Nima Spigolon

Samantha Lodi

Campinas, 15 de junho de 2026.

Caríssimo Centro Paulo Freire - Estudos e Pesquisas,

A idealizadora do Pré-Colóquio na Unicamp foi a professora Nima Spigolon que convidou outras instituições e parcerias para sua realização, com o acompanhamento muito próximo de Erivalda e Cícera. Construímos uma proposta em

uma homenagem corajosa ao inestimável legado de Paulo Freire, um educador cuja vida e obra têm sido esperança e inspiração para todas e todos nós que lutamos por uma educação mais justa, humanizadora e emancipatória.

Freire, através de seu trabalho político e sua abordagem pedagógica revolucionária, nos ensinou que a educação vai além da transmissão de conhecimentos. Ele nos mostrou e vivenciou que a educação é um ato de amor e um compromisso com a liberdade, a humanização e a transformação social.

Neste sentido, o processo de planejamento e construção coletiva para o Pré-Colóquio Paulo Freire Unicamp nos deu a visão de uma educação que é dialógica, crítica e conscientizadora. Ele nos desafiou a ver os e as participantes, e a nós mesmas, como sujeitos históricos em seu próprio processo de aprendizagem.

Foram dias trocando mensagens, ideias, desafios, por correio eletrônico e plataformas digitais, quando a tecnologia se fez aliada em tempos de coletividade escassa e obscurantismo nas relações, portanto, mais do que uma carta pedagógica, essas palavras são a expressão da gratidão, um reconhecimento do imenso impacto que cada uma de nós, da Comissão Organizadora teve e continua tendo em nossa prática como educadoras. Cada frase desta carta é um reflexo da influência de cada uma e de

Freire, cada parágrafo é uma partilha da força desta pedagogia da convivência. Importante destacar a presença de um ônibus com estudantes da graduação e pós-graduação da Universidade Federal de Uberlândia.

A nossa Comissão conseguiu, assim, reunir mulheres de diversas universidades, que são elas: Unicamp, UFU, Unifaat, USP, UNESP, UERJ, e envolver Camila, Juliana, Cida, Cássia, Ana Paula, Nima, Samantha, Andrea, além da presença de Erivalda e Cícera, do Centro Paulo Freire, como já anunciamos. Ao ler cada um desses nomes e dessas siglas, somos convidadas e convidados a nos engajar no diálogo, a refletir sobre nossas próprias práticas e a buscar maneiras de fortalecer nosso compromisso com a educação pública e popular, com a educação como prática da liberdade.

As temáticas debatidas, assim como os desafios e as aprendizagens vivenciadas foram forjadas em momentos marcantes do Pré-Colóquio como, por exemplo: a avaliação dos mais de cem trabalhos inscritos, dos dois dias de eventos (manhã, tarde e noite), da conferência de abertura realizada pela professora Sílvia Manfredi do Instituto Paulo Freire da Itália, da defesa pública de Doutorado de Lucivaldo Lira, da mesa de memórias de Paulo Freire com os professores Adriano Nogueira

e César Nunes, com o lançamento de livros, as apresentações de trabalhos distribuídos em 09 salas e 04 eixos. Enfim, são acontecimentos que nos desafiam a problematizar, a esperar e a sonhar com uma educação que realmente emancipa e liberta.

As contribuições político-pedagógicas construídas são ecos dessas interações, o reflexo desses dias, e podem ser encontrados nas letras desta carta, escrita com as memórias de educadoras, com pessoas e instituições que, como nós, foram tocadas e transformadas pelas ideias de Paulo Freire. Cada uma delas representa um testemunho pessoal, uma extensão do diálogo que Freire iniciou, e como ele pediu, uma reinvenção de si.

Iniciamos no dia 09 de abril de 2026 de manhã, com a Mesa de abertura e conferência da professora Sílvia Maria Manfredi (Instituto Paulo Freire, Itália), com a mediação da Professora Camila Lima Coimbra (UFU). O auditório do Salão Nobre da Faculdade de Educação ficou repleto de pessoas neste evento acolhedor e marcante.

No mesmo dia pela tarde, tivemos a mesa de diálogo que denominamos Paulo Freire vive, com dois colegas da Unicamp: Adriano Nogueira e César Nunes, com a mediação da professora Samantha Lodi (Unesp). A ideia da Comissão Organizadora, foi

trazer pessoas que conviveram com Paulo Freire para compartilhar histórias vividas. O professor Adriano Nogueira compartilhou um texto com todas as pessoas inscritas, denominado: Diálogo, Consciência e Criticidade, de sua autoria.

Ainda no dia 09 de abril, às 19 horas, foi realizado o Painel Temático intitulado: Atualidades político-pedagógicas de Paulo Freire, composto por mulheres que trouxeram suas histórias e experiências para o debate. Foram elas: Ana Paula Silveira (USP/RP), Camila Lima Coimbra (UFU), Cássia Sales Kirchner (Unifaat), Cícera Maria do Nascimento (Centro Paulo Freire), Maria Aparecida Satto Vilela (UFU), Samantha Lodi (Unesp), com a mediação da professora Nima Spigolon (Unicamp).

No encerramento do painel temático, tivemos a participação especial de uma estudante do Curso de Letras-Espanhol da Universidade Federal de Uberlândia, Mirian Raquel Nepomuceno de Oliveira Silva que nos brindou com uma música, de sua autoria, criada na disciplina Princípios éticos freireanos, intitulada “Inacabados”.

O dia 10 de abril amanheceu com luz, de uma Defesa pública de Doutorado em Educação, da Faculdade de Educação da Unicamp, de Lucivaldo Paz de Lira, com o título: Rumbê o saber que vem dos terreiros – o que Elza e Paulo Freire podem

aprender com a educação de terreiro. A banca foi composta pela Profa. Dra. Nima Spigolon (Unicamp), sua orientadora, Profa. Dra. Camila Lima Coimbra (UFU), Profa. Dra. Elisabete Figueroa dos Santos (Unicamp), Prof. Dr. Humberto Manoel Santana Júnior (CEFET-RJ) e Profa. Dra. Rosângela Cristina Gonçalves (SEDUC). Foi uma manhã emocionante de sexta-feira, com o auditório repleto de pessoas.

No período da tarde do dia 10, vivenciamos os Círculos de Cultura. Dos 10 eixos existentes, a Comissão Organizadora escolheu quatro que agregaram os quefazeres de nossas experiências e pesquisas durante os Círculos de Cultura. Foram eles:

- Eixo 1. Educação popular, movimentos sociais e democracia;
- Eixo 2. Educação de jovens e adultos na sociedade contemporânea;
- Eixo 3. Formação de trabalhadores e trabalhadoras da educação: engajamento social, político e pedagógico;
- Eixo 4. Pedagogia Paulo Freire na educação básica e superior: política, ética, estética e criatividade.

Por fim, na noite do dia 10 de abril, para encerrar a “boniteza” de nosso Pré-colóquio, fizemos o lançamento de dois livros. O primeiro, organizado pelas professoras Camila Lima Coimbra e Nima Spigolon, intitulado “Paulo Freire: unidade, diversidade, dialogicidade”, com a mediação da presidenta do Centro Paulo Freire, professora Erivalda Torres. O segundo, escrito pela professora Sílvia Maria Manfredi, intitulado “Semeando com Paulo Freire: conceitos e práticas na Educação Popular”, com a mediação da professora Maria Aparecida Satto Vilela.

Foram dois dias de intenso trabalho e esta carta não são meramente palavras escritas sem reflexão, elas respingam conversas, debates, questionamentos, embates, encontros. Ela representa a vitalidade do legado Freireano na educação contemporânea, uma demonstração de que suas ideias continuam a inspirar, desafiar e transformar nosso trabalho como educadoras.

As reflexões produzidas a partir das experiências vividas representam uma perspectiva sobre os desafios atuais da educação, construídos sobre o fundamento sólido do pensamento e da práxis de Freire. Elas são uma resposta à necessidade de reinventar a educação em um mundo em constante mudança,

sempre com o compromisso com a humanização, a liberdade e a justiça social.

Mas, ao mesmo tempo, esta carta representa um convite. Um convite para que as pessoas se envolvam em uma prática de escrita reflexiva e crítica. Uma prática que, sob o olhar de Freire, pode ser um importante instrumento de conscientização e transformação.

Ao rememorar os dias do Pré-Colóquio Internacional Paulo Freire Unicamp nos deparamos com as palavras e os pensamentos em forma de fragmentos compartilhados com o mundo, com o outro e com Freire. E nos lembramos das cartas de Freire, transbordando sabedoria e amorosidade, que nos convidam a perguntar, a refletir, e acima de tudo, a agir.

Portanto, expressamos a nossa profunda gratidão a todas e a cada uma, que se dedicaram ao Pré-Colóquio Internacional Paulo Freire e que dedicam suas vidas à causa da educação Freireana. Que esta carta seja fonte de inspiração e lembrete do caráter transformador de Paulo Freire, e que ele continue a nos manter a chama de seu legado viva em nossos corações e em nossas práticas político-pedagógicas.

Com esperança,

Comissão Organizadora

Ana Paula Silveira - USP/RP

Andrea da Paixão Fernandes – UERJ

Camila Lima Coimbra - UFU

Cássia Sales Kirchner - Unifaat

Juliana Rodrigues - USP

Maria Aparecida Satto Vilela – UFU

Nima Spigolon - Unicamp

Samantha Lodi – Unesp

JOÃO PESSOA: VOZES, MEMÓRIAS E SABERES QUE SE FAZEM CAMINHOS

Carta Pedagógica do IV Pré-Colóquio Internacional Paulo Freire – João Pessoa/PB

Maria Erivalda dos Santos Torres¹⁴

João Pessoa, abril de 2026

Ao Centro Paulo Freire – Estudos e Pesquisas

Queridas companheiras e queridos companheiros do
Centro Paulo Freire – Estudos e Pesquisas,

Escrevemos esta Carta Pedagógica movidos pelo desejo de partilhar não apenas aquilo que realizamos, mas, sobretudo, aquilo que vivemos, problematizamos, aprendemos e construímos coletivamente durante o IV Pré-Colóquio Internacional Paulo Freire – João Pessoa/PB, realizado nos dias 23 e 24 de abril de 2026, no Centro de Educação da Universidade Federal da Paraíba.

¹⁴Presidenta do Centro Paulo Freire-Estudos e Pesquisas com sede na UFPE/PE. Coordenadora do Fórum Regional da EJA do Agreste Centro Norte/PE. Mestra em Educação Contemporânea pela UFPE/CAA. PPGEduc. ORCID: 0009-0005-7649-7214. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5577041654762304>. E-mail: maria.ettorres@ufpe.br

Sob a inspiração da temática “Dialogicidade, Conscientização, Criticidade: O caminho se faz caminhando”, encontramos em João Pessoa para fazer do pensamento de Paulo Freire não uma lembrança cristalizada no tempo, mas uma presença interrogadora diante das condições concretas de nossa realidade. Reunir-nos em torno de sua obra significou perguntar, mais uma vez, que educação estamos construindo, a serviço de quem ela se realiza, que vozes ainda permanecem silenciadas e que possibilidades temos de transformar aquilo que historicamente nos desumaniza.

O IV Pré-Colóquio nasceu da parceria entre o Centro Paulo Freire – Estudos e Pesquisas e a Universidade Federal da Paraíba, constituindo-se a partir da articulação de diferentes instituições e sujeitos. Instituições de Ensino Superior, redes públicas de educação, movimentos sociais, Fórum da EJA, professores(as), estudantes, pesquisadores(as) e sujeitos dos diferentes territórios educativos encontraram-se para compartilhar experiências, pesquisas, saberes e esperanças.

Essa diversidade não foi apenas uma característica do encontro. Constituiu uma de suas maiores potências. Quando diferentes sujeitos ocupam o mesmo espaço e suas experiências são reconhecidas como produtoras de conhecimento,

tensionamos uma concepção hierarquizada de saber e reafirmamos um dos fundamentos da educação freireana: ninguém conhece sozinho e nenhuma forma de conhecimento pode pretender-se suficiente para explicar a complexidade do mundo.

Foi nesse espírito que, na tarde de 23 de abril, iniciamos nossa caminhada. A apresentação cultural do Coral Voz Ativa antecedeu a Mesa Institucional de abertura e nos lembrou, desde o primeiro momento, que cultura e educação não caminham separadamente. A abertura reuniu representantes do Centro Paulo Freire – Estudos e Pesquisas, da UFPB, UEPB, Programa de Pós-Graduação em Educação, Educação de Jovens e Adultos de João Pessoa, Cátedra UNESCO/EJA/UFPB, IFPB, Escola de Saúde/UFPB e Fórum da EJA, expressando a pluralidade institucional e política que sustentava aquela construção coletiva.

A presença dessas diferentes representações na mesa evidenciava a força de uma construção coletiva, marcada pelo diálogo e pela articulação entre instituições, movimentos e sujeitos comprometidos com uma educação crítica e democrática. Nenhuma instituição, movimento ou sujeito transforma isoladamente uma realidade marcada por desigualdades

históricas. Construir coletivamente é também reconhecer nossa incompletude e nossa necessidade do outro.

Da abertura institucional passamos à Mesa de Diálogo “Vozes que se fazem saber: dialogicidade, conscientização e criticidade nas vivências educativas”. E o próprio título já anunciava uma opção epistemológica: as vozes não estavam ali apenas para falar sobre saberes; as vozes se faziam saber.

Djanice Marinho, Luiz Gonzaga Gonçalves, Regina Negreiros e Maria Selma Santos de Santana, sob a mediação de Daniele Dias, colocaram em circulação experiências oriundas de diferentes espaços educativos. Escola pública, universidade, Educação de Jovens e Adultos, Educação Profissional e Fórum da EJA encontraram-se em uma mesma roda de problematização.

Esse encontro entre diferentes lugares de produção do conhecimento nos provocou a pensar sobre quem historicamente tem sido autorizado a falar e quem tem sido colocado apenas na condição de ouvir. Na perspectiva freireana, romper essa lógica significa reconhecer os sujeitos como produtores de cultura, história e conhecimento. Por isso, falar de dialogicidade exige mais do que permitir a palavra; exige construir condições para que diferentes palavras tenham legitimidade e possam participar da leitura e da transformação do mundo.

À noite, a caminhada saiu da configuração tradicional do auditório e chegou à Praça do Centro de Educação da UFPB, onde aconteceu o Círculo de Diálogo “Do pensado ao vivido: experiências docentes e discentes em diálogo crítico e emancipatório”.

A escolha do espaço também nos ensinava. Na praça, a palavra circulava de outra maneira. Aproximavam-se universidade, escola, território, experiências de professores(as) e estudantes. O conhecimento deixava simbolicamente as paredes da sala para encontrar a vida concreta.

Nesse Círculo, a cultura novamente se fez presença. A atividade “A Árvore”, da Escola Municipal Quilombola de Ensino Fundamental Antônia do Socorro Silva Machado, e a Exposição do Inventário da Realidade do Assentamento Mata de Garapú II, da EMEIEF Antônio de Souza Santos, do Conde/PB, trouxeram para o centro do encontro experiências que nascem nos territórios.

A presença de professores(as), coordenação pedagógica e estudantes da EJA tornou ainda mais concreta a opção de não falar *sobre* os sujeitos sem falar *com* eles. Entre as participações estiveram experiências vinculadas à Educação do Campo, à

Educação de Jovens e Adultos e à produção de estudantes, inclusive por meio de exposição de trabalhos e podcast.

Havia ali uma dimensão profundamente freireana: do pensado ao vivido e do vivido novamente ao pensado. Não para estabelecer uma oposição entre teoria e prática, mas para reafirmar a práxis como movimento permanente de ação-reflexão-ação.

Na manhã do dia 24 de abril, esse movimento ganhou novas rodas por meio dos Círculos de Cultura, organizados presencialmente e também com possibilidade de participação on-line. As pesquisas e experiências foram distribuídas em quatro eixos temáticos que expressaram alguns dos grandes desafios de nosso tempo: Educação Popular, Movimentos Sociais e Democracia; Educação de Jovens e Adultos na Sociedade Contemporânea; Educação, Direitos Humanos, Políticas Públicas, Inclusão e Cultura de Paz; e Relações Étnico-Raciais, Diversidade e Justiça Social.

Esses eixos não constituíram apenas uma forma de organização dos trabalhos. Eles revelaram questões que atravessam concretamente a sociedade brasileira e nos convocam a uma tomada de posição.

No eixo Educação Popular, Movimentos Sociais e Democracia, a reflexão sobre práxis social transformadora aproximou educação popular, movimentos sociais, culturas populares, agroecologia, agricultura familiar, juventudes, Educação do Campo, Educação Escolar Indígena, Educação Quilombola e Educação Prisional. Pensar esses campos a partir do diálogo, da participação e do protagonismo político-pedagógico significou reafirmar que democracia não se reduz a uma estrutura institucional: precisa ser aprendida e construída nas relações sociais e educativas.

A Educação de Jovens e Adultos na Sociedade Contemporânea trouxe para o debate sua historicidade, suas políticas, suas práticas e seus Fóruns, problematizando a formação de professores(as), os materiais didáticos, programas e políticas públicas e, especialmente, as experiências construídas com os próprios sujeitos da EJA. Ao fazê-lo, recolocou uma pergunta que permanece urgente: como assegurar o direito à educação de jovens, adultos e idosos sem reduzir essa modalidade a políticas descontínuas, compensatórias ou aligeiradas?

O eixo Educação, Direitos Humanos, Políticas Públicas, Inclusão e Cultura de Paz provocou-nos a compreender que não existe educação libertadora separada da defesa da dignidade

humana. Direitos civis, políticos, econômicos, sociais e culturais precisam ser compreendidos em sua integralidade. Em uma sociedade atravessada por desigualdades e diferentes formas de exclusão, educar para os direitos humanos significa também formar sujeitos capazes de reconhecer injustiças, posicionar-se diante delas e participar de sua transformação.

No eixo Relações Étnico-Raciais, Diversidade e Justiça Social, as práticas educativas antirracistas, as ações afirmativas, as questões de gênero e sexualidade, a inclusão, a interseccionalidade e o enfrentamento aos preconceitos colocaram em evidência outra exigência ética: não é possível falar em humanização enquanto pessoas continuam sendo desumanizadas por sua raça, gênero, sexualidade, origem ou pertencimento social. Uma educação comprometida com Paulo Freire precisa assumir o enfrentamento de todas as formas de opressão como parte constitutiva de sua práxis.

Assim, os Círculos não se limitaram à apresentação de pesquisas. Tornaram-se espaços para colocar o conhecimento em movimento, aproximar investigação e experiência e compreender que toda produção acadêmica comprometida com uma perspectiva crítica precisa retornar à realidade para

interrogá-la e, sempre que possível, contribuir para transformá-la.

Na tarde daquele mesmo dia, voltamos nosso olhar para a própria presença de Paulo Freire na história e no território paraibano. O Círculo de Diálogo “Histórias, Memórias, Debates e Circulações da Obra de Paulo Freire no Contexto Cultural e Político da Paraíba” reuniu experiências e trajetórias muito distintas.

Kadydja Menezes da Rocha Barreto trouxe a articulação entre educação e militância em Direitos Humanos. Luciano Alves Farias da Silva aproximou Educação Popular, educação básica, trabalho com migrantes, juventudes e organizações populares. Lourdes Teixeira trouxe consigo a experiência de mulher preta, pesquisadora e ativista social, articulada às lutas antirracistas, ao movimento de mulheres negras e às políticas de enfrentamento à violência contra as mulheres. E Maria das Dores Silva Fernandes trouxe para a roda os conhecimentos constituídos ao longo de décadas de experiência com medicina popular, práticas integrativas, fitoterapia, alimentação e saberes ancestrais.

Essa composição foi, por si mesma, pedagógica.

Naquela roda, a titulação acadêmica não poderia ser tomada como única medida da legitimidade do conhecimento. A

universidade encontrou a militância, os movimentos populares, a experiência de vida, os saberes ancestrais e a medicina popular. E esse encontro nos levou novamente a uma questão central: que conhecimentos reconhecemos como válidos e quais ainda insistimos em invisibilizar?

Paulo Freire nos ensinou a desconfiar de uma educação que transforma alguns em sujeitos do conhecimento e outros em meros objetos de investigação. Por isso, trazer para uma mesma roda professores(as), pesquisadores(as), militantes e sujeitos portadores de conhecimentos construídos na experiência significou afirmar que a leitura do mundo antecede a leitura da palavra e que os saberes populares não precisam ser autorizados pela academia para existirem.

Memória, nesse contexto, também não significou nostalgia.

Revisitar a circulação da obra de Paulo Freire na Paraíba significou perguntar o que fazemos hoje com esse legado. Celebrar Paulo Freire sem enfrentar as estruturas que produzem exclusão seria esvaziar a radicalidade de seu pensamento. Sua memória permanece viva quando nos ajuda a interpretar criticamente o presente e a construir possibilidades de transformação.

Foi com esse sentimento que chegamos ao encerramento, construído conjuntamente pelo Fórum de EJA da Paraíba e pelo Centro Paulo Freire – Estudos e Pesquisas.

Ao final daqueles dois dias, compreendemos que o caminho percorrido em João Pessoa não poderia ser medido apenas pelo número de mesas, Círculos, trabalhos ou participantes. Sua potência estava nas relações que conseguiu produzir.

A universidade encontrou a escola.

A pesquisa encontrou a experiência.

A Educação Popular encontrou os movimentos sociais.

A EJA encontrou seus próprios sujeitos.

Os Direitos Humanos encontraram as histórias de quem luta cotidianamente para que sejam efetivamente direitos de todos e todas.

Os saberes acadêmicos encontraram saberes populares e ancestrais.

A memória encontrou o presente.

E Paulo Freire encontrou, mais uma vez, sujeitos dispostos a não transformá-lo em monumento, mas em interlocutor de nossas perguntas e de nossas lutas.

Queridas companheiras e queridos companheiros do Centro Paulo Freire – Estudos e Pesquisas, é isso que desejamos partilhar por meio desta Carta.

O IV Pré-Colóquio Internacional Paulo Freire – João Pessoa/PB não representou apenas uma etapa preparatória para um encontro maior. Constituiu, em si mesmo, um território de formação, de produção de conhecimento, de escuta e de ação político-pedagógica.

Sáímos dele reafirmando que dialogicidade, conscientização e criticidade não podem permanecer apenas como conceitos anunciados nos títulos de nossos encontros. Precisam atravessar nossas práticas, nossas instituições, nossas pesquisas e as relações que estabelecemos com os sujeitos e com os territórios.

A dialogicidade exige escuta verdadeira.

A conscientização exige leitura crítica da realidade.

A criticidade exige a coragem de problematizar aquilo que muitas vezes foi naturalizado.

E a práxis exige que reflexão e ação permaneçam inseparáveis na luta pela transformação.

Por isso, de João Pessoa para o Centro Paulo Freire e para todos os territórios que vêm construindo esta grande caminhada, enviamos mais do que o registro de um Pré-Colóquio.

Enviamos vozes.

Vozes da escola pública, da universidade, da EJA, dos movimentos sociais, dos territórios quilombolas, da Educação do Campo, da luta antirracista, dos Direitos Humanos, dos saberes populares e ancestrais.

Vozes que não pedem licença para existir.

Vozes que se encontram.

Vozes que se fazem saber.

Vozes que nos ajudam a compreender que ainda há muito a caminhar.

E se o caminho se faz caminhando, seguimos com Paulo Freire, não para repetir seus passos, mas para recriar, em nosso tempo e em nossos territórios, a radicalidade de uma educação comprometida com a humanização, a democracia, a justiça social e a transformação da realidade.

Seguimos caminhando. Seguimos dialogando. Seguimos esperançando.

Com afeto, compromisso e esperança,

Comissão Organizadora do IV Pré-Colóquio Internacional

Paulo Freire – João Pessoa/PB

João Pessoa/PB, outono de 2026

Erivalda Torres

Presidenta do CPFreire/PE

**GARANHUNS: QUANDO A DISTÂNCIA NÃO IMPEDE O
TERRITÓRIO DE SE FAZER PRESENÇA**
**Carta Pedagógica do III Pré-Colóquio Internacional Paulo
Freire – Garanhuns/PE**

Maria Erivalda dos Santos Torres¹⁵

Garanhuns, abril de 2026

Ao Centro Paulo Freire – Estudos e Pesquisas

Queridas companheiras e queridos companheiros do
Centro Paulo Freire – Estudos e Pesquisas,

Há encontros que se realizam pela proximidade dos
corpos. Outros precisam inventar formas de presença.

Foi assim que vivemos, nos dias 16 e 17 de abril de 2026,
o III Pré-Colóquio Internacional Paulo Freire – Garanhuns/PE.

¹⁵Presidenta do Centro Paulo Freire-Estudos e Pesquisas com sede na UFPE/PE. Coordenadora do Fórum Regional da EJA do Agreste Centro Norte/PE. Mestre em Educação Contemporânea pela UFPE/CAA. PPGEduc. ORCID: 0009-0005-7649-7214. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5577041654762304>. E-mail: maria.ettorres@ufpe.br

Separados fisicamente, encontramos-nos pelas telas, pelas palavras, pelas perguntas e, sobretudo, pela disposição de fazer do diálogo uma experiência concreta. A programação desenvolvida remotamente não diminuiu a força do encontro. Ao contrário, revelou que um território não se constitui somente pela ocupação de um espaço geográfico: constitui-se também pelas relações que seus sujeitos estabelecem, pelas questões que os mobilizam e pela capacidade coletiva de transformar inquietações em reflexão e ação.

Garanhuns se fez presente.

Fez-se presente nas vozes que chegaram ao encontro, nas instituições que se articularam, nos trabalhos compartilhados, na participação crítica nos Círculos de Cultura e na disposição de pensar Paulo Freire diante dos desafios de nosso tempo. Nesse movimento, a temática “Dialogicidade, Conscientização, Criticidade: O caminho se faz caminhando” encontrou no formato remoto uma possibilidade concreta de realização.

A experiência nos provocou, desde o início, a pensar sobre o próprio significado da presença. Estar presente não poderia significar apenas estar conectado a uma plataforma. Era necessário participar, escutar, interrogar, posicionar-se e

construir com o outro. E foi justamente essa qualidade da participação que deu sentido ao III Pré-Colóquio.

O próprio projeto que orientou sua realização assumia como compromisso fomentar o debate acerca da pedagogia freireana, analisar a pertinência dos escritos de Paulo Freire na atualidade para o enfrentamento de práticas sociais alienantes, identificar suas contribuições para novas práticas sociais no contexto educativo e aprofundar epistemologicamente sua obra para pensar a educação formal e popular. Não estávamos, portanto, reunidos para falar de Paulo Freire como alguém circunscrito à história da educação. O desafio era colocar sua obra em diálogo com o presente.

Na noite de 16 de abril, uma apresentação cultural abriu simbolicamente o encontro, antecedendo a mesa de abertura. A cultura, mesmo mediada pela tecnologia, anunciava que aquele espaço não seria constituído apenas pela palavra acadêmica. À mesa estiveram Maria José Cavalcante, da Universidade Federal do Agreste de Pernambuco (UFAPE); Patricia Maria Tenório de Souza, da Universidade de Pernambuco (UPE); Janaína Abreu, do Instituto Paulo Freire (IPF), de São Paulo; e Erivalda Torres, presidenta do Centro Paulo Freire – Estudos e Pesquisas.

Essa composição também expressava a articulação que sustentava a realização do Pré-Colóquio. Diferentes instituições e diferentes lugares encontravam-se no mesmo espaço virtual em torno de uma questão comum: como continuar fazendo da pedagogia freireana uma presença crítica e criadora diante das condições concretas da educação e da sociedade?

A pergunta não admitia respostas acabadas.

Paulo Freire nos convoca justamente ao contrário: a desconfiar das certezas que encerram o pensamento, a problematizar aquilo que parece natural e a compreender a realidade como histórica e, por isso mesmo, passível de transformação. Nesse sentido, a criticidade que atravessou o encontro não se constituiu como exercício abstrato. Ela emergiu das experiências, das pesquisas e das questões sociais trazidas pelos próprios participantes.

Na manhã de 17 de abril, os Círculos de Cultura deram materialidade a essa perspectiva. Das 8h às 12h, as salas virtuais acolheram trabalhos organizados em quatro eixos: Educação Popular, Movimentos Sociais e Democracia; Educação, Direitos Humanos, Políticas Públicas, Inclusão e Cultura de Paz; Educação Socioambiental, Ecologia Integral e Práticas

Emancipatórias; e Formação de Trabalhadores e Trabalhadoras da Educação: Engajamento Social, Político e Pedagógico.

A escolha desses eixos dizia muito sobre o território político-pedagógico que se pretendia constituir.

Falar de Educação Popular, movimentos sociais e democracia significava reconhecer que a educação não se realiza apartada das lutas sociais. O próprio documento orientador compreende esse campo a partir da práxis social transformadora e vincula a Educação Popular às experiências de resistência, participação, engajamento e protagonismo político-pedagógico. Nele encontram lugar movimentos do campo, indígenas, negros, feministas, quilombolas e outros sujeitos e coletivos historicamente envolvidos em processos de luta e transformação social.

Ao mesmo tempo, discutir Direitos Humanos, políticas públicas, inclusão e cultura de paz nos colocava diante das contradições de uma sociedade em que direitos formalmente reconhecidos ainda não se materializam igualmente na vida de todas as pessoas. A reflexão crítica, nesse contexto, não poderia se contentar com a denúncia. Precisava também perguntar pelas possibilidades de intervenção e pelas responsabilidades educativas diante das diferentes formas de exclusão.

Outro movimento particularmente significativo apareceu nas discussões sobre Educação Socioambiental, Ecologia Integral e Práticas Emancipatórias. O eixo não tratava a questão ambiental como temática periférica. O documento a situava diante da crise socioambiental e das formas de exploração que comprometem uma existência digna, colocando em diálogo ancestralidade, cuidado com a Terra, justiça ambiental, agroecologia, desenvolvimento territorial e políticas públicas.

Essa perspectiva ampliava nossa leitura de mundo. Se a educação freireana está comprometida com processos de humanização, precisamos perguntar também que humanidade estamos construindo quando as relações econômicas e sociais produzem simultaneamente desigualdade entre as pessoas e destruição das condições de existência no planeta. A criticidade, nesse sentido, alcança nossa relação com a Terra e exige compreender que transformação social e responsabilidade socioambiental não podem caminhar separadamente.

A formação dos trabalhadores e trabalhadoras da educação, quarto eixo do encontro, trouxe outra questão fundamental: não existe prática educativa crítica sem sujeitos que também tenham espaços para refletir criticamente sobre sua própria prática. O eixo assumiu a formação articulada ao

engajamento social, cultural, político e pedagógico, em diálogo com o pensamento freireano.

Essa compreensão desloca a formação de uma perspectiva meramente técnica. Formar-se implica também compreender o lugar social da educação, interrogar as condições nas quais ela acontece e reconhecer que toda prática pedagógica carrega escolhas, valores e concepções de sociedade.

Nos Círculos, o formato remoto revelou uma de suas maiores possibilidades. Pessoas geograficamente afastadas puderam compartilhar pesquisas, experiências e leituras de realidade no mesmo espaço de diálogo. O edital previa, inclusive, a participação de trabalhos provenientes de pesquisas, relatos de experiência, práticas e intervenções, articulações e mobilizações sociais, atividades extensionistas e vivências didático-pedagógicas, desde que vinculados efetivamente ao horizonte freireano.

Essa diversidade ajudou a constituir a riqueza das rodas.

Não interessava apenas apresentar resultados. Interessava dialogar sobre os trabalhos. A própria orientação do encontro estabelecia a participação nos Círculos de Cultura como parte necessária do processo, vinculando a apresentação à presença e ao diálogo.

E foi nesse movimento que percebemos algo importante: a tela estabelecia uma distância física, mas não precisava produzir distanciamento pedagógico.

Quando há escuta, quando a palavra encontra outra palavra, quando uma experiência provoca perguntas em outra pessoa e quando aquilo que alguém apresenta deixa de pertencer somente a quem falou para se tornar objeto de reflexão coletiva, o diálogo encontra formas de acontecer.

Foi essa mobilização que marcou Garanhuns.

Na tarde do dia 17, chegávamos ao último momento da programação trazendo conosco as provocações produzidas durante os Círculos. Das 14h às 16h, a roda de conversa “Dialogicidade, Conscientização, Criticidade: O caminho se faz caminhando – depoimentos de instituições freireanas” reuniu Angela Antunes, do Instituto Paulo Freire, e Maria Aparecida Vieira de Melo, do Centro Paulo Freire – Estudos e Pesquisas/UFRN, com mediação de Anderson Alencar, da UFAPE.

Encerrar o Pré-Colóquio escutando instituições freireanas adquiriu um significado particular.

Se Paulo Freire permanece atual, essa atualidade não acontece espontaneamente. Ela depende de pessoas, instituições,

movimentos, grupos de estudo, universidades, escolas e coletivos que assumem a responsabilidade de colocar seu pensamento em circulação, estudá-lo criticamente, recriá-lo e fazê-lo dialogar com problemas que pertencem ao nosso tempo.

Manter Paulo Freire vivo não significa transformá-lo em uma referência intocável.

Significa interrogá-lo e permitir que também sejamos interrogados por sua obra.

Significa perguntar o que a dialogicidade exige de nossas práticas quando ainda convivemos com relações autoritárias.

Significa perguntar que conscientização estamos construindo diante das diferentes formas de alienação.

Significa perguntar se nossa criticidade alcança as estruturas que produzem desigualdades ou se permanece apenas no discurso.

E significa, principalmente, perguntar o que fazemos com aquilo que compreendemos criticamente.

Foi talvez nessa passagem da reflexão para o compromisso que Garanhuns revelou uma de suas marcas mais importantes.

Queridas companheiras e queridos companheiros do Centro Paulo Freire – Estudos e Pesquisas,

Ao escrever esta Carta, compreendemos que seria insuficiente registrar que o III Pré-Colóquio aconteceu remotamente. Isso diria apenas como nos encontramos, mas muito pouco sobre o que o encontro produziu.

O que aconteceu em Garanhuns foi uma mobilização. O território respondeu ao chamado.

Professores(as), pesquisadores(as), estudantes, instituições e outros sujeitos fizeram da distância uma condição a ser atravessada, e não uma impossibilidade. As telas abriram pequenas janelas, mas por elas chegaram grandes questões.

Chegaram as inquietações da educação, as lutas dos movimentos sociais, as questões ambientais, as demandas por direitos e inclusão, as preocupações com a formação dos trabalhadores e trabalhadoras da educação e por fim chegaram experiências, pesquisas, práticas e perguntas.

E, quando essas questões encontraram outras vozes, o espaço virtual deixou de ser apenas uma plataforma tecnológica e tornou-se território pedagógico.

Essa experiência também nos ensinou que mobilizar um território não significa necessariamente reunir todos os sujeitos em um mesmo espaço físico. Mobilizar é fazer circular ideias, provocar posicionamentos, construir vínculos, colocar sujeitos

em relação e produzir disposição coletiva para pensar e agir sobre a realidade.

Por isso, a criticidade dos participantes foi uma das forças desse encontro. Não porque todos precisassem pensar da mesma maneira, mas justamente porque o diálogo freireano não exige uniformidade. Exige abertura para que diferentes leituras de mundo possam se encontrar, confrontar-se respeitosamente, problematizar-se e produzir novas compreensões.

Garanhuns nos deixou, assim, uma aprendizagem singular nesta caminhada dos Pré-Colóquios: há presença quando há participação; há território quando há pertencimento e mobilização; há diálogo quando a palavra circula e produz outras palavras; e há criticidade quando compreender a realidade nos convoca a não aceitá-la como algo definitivamente dado.

Foi dessa maneira que caminhamos.

Não estivemos juntos no mesmo auditório, na mesma universidade ou na mesma praça.

Estivemos juntos em algo que também é profundamente freireano: o compromisso de não deixar a distância silenciar a palavra nem enfraquecer a capacidade coletiva de pensar o mundo.

Ao Centro Paulo Freire – Estudos e Pesquisas, entregamos esta Carta como memória de uma experiência que mostrou que os territórios também podem se encontrar por outras vias. E que, quando sujeitos se mobilizam em torno de uma educação crítica, democrática e emancipatória, a geografia se amplia: Garanhuns alcança outros lugares, outros lugares chegam a Garanhuns, e novas relações começam a ser tecidas.

O III Pré-Colóquio terminou em 17 de abril de 2026, conforme o percurso previsto para os dois dias de encontro. Mas as perguntas que circularam não se encerraram com o desligar das telas.

Elas permaneceram conosco.

E talvez seja essa uma das maiores potências de um encontro verdadeiramente formativo: não saímos dele apenas com respostas, mas com perguntas mais críticas sobre nossa presença no mundo e nossa responsabilidade diante dele.

De Garanhuns, seguimos, com a palavra em movimento, o território mobilizado, a criticidade que interroga, e com a esperança que não espera passivamente.

E com a convicção de que, mesmo quando os caminhos não nos colocam fisicamente lado a lado, podemos fazê-los

convergir na construção coletiva de uma educação humanizadora e transformadora.

Com afeto, compromisso e esperança de que é possível se fazer presente na presencialidade ou à distância,

Erivalda Torres
Presidenta do CPFreire/PE

**SALVADOR/BA: ANCESTRALIDADES QUE
DIALOGAM, SABERES QUE TRANSFORMAM**
**Carta Pedagógica do II Pré-Colóquio Internacional Paulo
Freire – Salvador-Bahia, 29 e 30 de abril de 2026**

Cinthia Maria Seiberth Santos

Edite Maria da Silva de Faria

Ao Centro Paulo Freire Estudos e Pesquisas a nossa
Carta Pedagógica referente ao II Pré-Colóquio Internacional
Paulo Freire Salvador- Bahia, nos dias 29 e 30 de abril de 2026.

Caras/os Amigas/os e Caras/os Amigas/os do Centro
Paulo Freire Estudos e Pesquisas CPFreire,

Manifestamos aqui a nossa gratidão pela realização do II
Pré-Colóquio Internacional Paulo Freire Salvador-Bahia, nos
dias 29 e 30 de abril de 2026, nas instalações da Universidade do
Estado da Bahia - UNEB, Campus I, em Salvador- Bahia. O
Patrono da Educação Brasileira, o educador Paulo Freire inspira
o fazer desta Universidade (ensino, pesquisa e extensão) e, desde
o seu nascedouro, o compromisso com a formação humana, ética,

plural e cidadã das pessoas está presente em todo território baiano, bem como o compromisso assumido com uma educação humanizada e a justiça social.

Para que o Colóquio acontecesse em Salvador, considerou-se o desejo manifestado por estudantes da turma 12 do Programa de Pós-Graduação em Educação de Jovens e Adultos (PPGEJA) da UNEB no componente Fundamentos Teóricos- Metodológicos da Concepção Freiriana de Educação no semestre 2025.2, que provocaram a Profa. Dra. Edite de Faria ao proporem a realização o II Pré-Colóquio Internacional na UNEB. De forma generosa e corajosa, a professora acolheu o desejo de tornar esse acontecimento possível a partir da organização coletiva e solidária.

O processo de planejamento foi permeado pelo diálogo permanente e pela construção coletiva nas decisões. A definição da equipe organizadora, a realização de encontros on line e a distribuição das tarefas ocorreram em uma dinâmica colaborativa, marcada pela participação e corresponsabilidade entre as pessoas envolvidas neste processo. Em perspectiva freiriana, tratou-se de (com)partilhar de saberes, fazeres no exercício do fazer na coletividade.

Uma vez organizado o cronograma para a realização do Colóquio sob a coordenação local da Profa. Dra. Edite de Faria, diversas iniciativas tornaram-se necessárias: a constituição das equipes de trabalho, a adoção das providências burocráticas e administrativas, a organização do processo de divulgação do evento e a mobilização da comunidade acadêmica para a participação. Todo esse processo contou com o acompanhamento da Coordenação Geral do Colóquio, na pessoa da querida Profa. Ma. Maria Erivalda dos Santos Torres. Como nos ensina Freire, o caminho se faz caminhando, refazendo e retocando o sonho pelo qual se propôs a caminhar. Entre desafios, diálogos e reinvenções, a dinâmica organizativa seguiu o seu curso, sustentada pelo compromisso coletivo de concretizar essa ação. Foram quatro Eixos orientadores para as inscrições de trabalhos: 1. Educação Popular, Movimentos Sociais e Democracia; 2. Educação, Direitos Humanos, Políticas Públicas, Inclusão e Cultura de Paz e 3. Educação Emancipatória, Novas Tecnologias e Inteligência Artificial: complexidades, desafios e práxis 4. Currículos, Didáticas, Práticas Educativas e Interculturalidade na Perspectiva freireana, escolhidos como referência pela equipe local de coordenação do evento:

EIXO 1. EDUCAÇÃO POPULAR, MOVIMENTOS SOCIAIS E DEMOCRACIA. O eixo articula a prática social à reflexão crítica da realidade, substantivando o conceito de práxis social transformadora. Objetiva problematizar a história da Educação Popular em suas diversas dimensões de resistência, luta e mudança social; busca compreender a epistemologia dos saberes que movem as ações para construir trilhas emancipadoras com a força do coletivo. Discute processos pedagógicos da educação popular nos espaços formais e não formais, a pesquisa-ação, os círculos de cultura e tece reflexões sobre as bandeiras dos movimentos sociais em sua diversidade de causas, a exemplo dos movimentos: Sem-Terra, Sem-Teto; e dos movimentos: indígena, negro, feminista, do campo, saúde, ciganos e LGBTQIA+, de terreiro entre outros de resistência e luta. Reflete sobre um marco legal da Educação popular, a cultura popular, a agroecologia, a agricultura familiar, as Juventudes, ancoradas nas questões de formação política interligadas às experiências formativas em diversos espaços da Educação do campo, Educação escolar indígena, Educação Quilombola e a Educação Prisional. Embasado pelos princípios democráticos, como o diálogo, a participação, o engajamento e o protagonismo político pedagógico.

EIXO 2. EDUCAÇÃO, DIREITOS HUMANOS, POLÍTICAS PÚBLICAS, INCLUSÃO E CULTURA DE PAZ

O eixo propõe uma abordagem crítica e emancipatória dos temas educação, direitos humanos, políticas públicas, inclusão e cultura de paz, à luz da perspectiva freireana. Com base no pensamento de Paulo Freire, promove a reflexão sobre o papel da educação como prática da liberdade, voltada à construção de sujeitos históricos, críticos e transformadores, incluindo o debate em torno dos Direitos Humanos.

Em relação a estes, somos desafiados e desafiadas a indagar, debater e promover, dentro e fora do espaço acadêmico, o caráter de indivisibilidade, interdependência e integralidade dos civis, políticos, econômicos, sociais e culturais dos Direitos Humanos no Brasil, de modo a enfatizar a centralidade dos direitos na promoção das políticas públicas no processo de materialização da justiça social. No campo da educação, os desafios de pensar, correlacionar e imaginar saberes e práticas que integram Educação, Direitos Humanos, Políticas Públicas e cultura da paz, fundamentadas na pedagogia de Paulo Freire, fortalecem princípios e práticas educativas comprometidas com a transformação da realidade e com a formação de sujeitos

críticos, conscientes de seus direitos e comprometidos com a superação de toda forma de desigualdade e exclusão social.

EIXO 3: EDUCAÇÃO EMANCIPATÓRIA, NOVAS TECNOLOGIAS E INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL: COMPLEXIDADE, DESAFIOS E PRÁXIS O eixo privilegia revisões de literatura ou relatos de práticas que abordem o uso da inteligência artificial, a presença de tecnologias diversas, em sentido amplo, com foco na emancipação dos(as) sujeitos(as) envolvidos(as) ou que busquem contribuir com a transformação das estruturas sociais, políticas, econômicas e culturais dos grupos implicados no enfrentamento do capitalismo em seu viés neoliberal e nazifascista, partindo do pensamento do educador Paulo Freire como principal referencial; promovendo reflexões acerca da presença de tecnologia para a mudança social, das tecnologias sociais, de softwares livres e/ou de código aberto, de recursos educacionais abertos, copyleft e licenças abertas, de tecnologias socialmente apropriadas, tecnologias ambientalmente sustentáveis e apropriadas, das ecotecnologias, tecnologias sustentáveis, agroecológicas, assistivas e tantas outras.

EIXO 4. CURRÍCULOS, DIDÁTICAS, PRÁTICAS EDUCATIVAS E INTERCULTURALIDADE NA

PERSPECTIVA FREIREANA Este eixo discute currículos, didáticas, práticas educativas e seus desdobramentos enunciativos, relacionando-os com a interculturalidade e temas geradores, com foco em direitos humanos, práticas inclusivas, educação do campo, indígenas, ciganas, povos de terreiro e quilombolas na perspectiva freireana da educação de forma democrática, participativa e dialógica. Ações pedagógicas voltadas para a didática multifacetada em prol de processos decoloniais de ensino-aprendizagem.

Ao todo foram realizadas 370 inscrições, das quais 140 incluíram apresentação de trabalhos. Destaca-se, nesse cenário, a participação relevante e significativa de estudantes da Graduação e da Pós-Graduação (mestrandas/os e docentes do PPGEJA), bem como o envolvimento dos(as) estudantes do Curso de Pedagogia da Liga Acadêmica de Diversidade e Educação de Jovens e Adultos -LADEJA, Campus I, UNEB, na monitoria do evento. Esses(as) estudantes contribuíram em todas as etapas de sua organização e execução, inclusive atuando na mediação, juntamente com as(os) professoras(es) facilitadoras(es), em cada sala onde ocorreram as apresentações dos trabalhos. Não apenas uma experiência acadêmica, mas

também uma vivência de cosmologia, de compartilhamentos e de encontros de muitas bonitezas.

O II Pré-Colóquio Paulo Freire trouxe para a comunidade acadêmica um lembrete do que devemos manter vivo, o legado de uma referência que até hoje nos inspira. Evento acolheu pessoas de diversos territórios baianos, brasileiros e internacionais. Pessoas dos movimentos sociais populares e sociais, Fóruns de EJA do Brasil, Rede Internacional Café com Paulo Freire, universidades, institutos federais e profissionais da Educação Básica.

A programação foi distribuída em dois dias de atividades. No primeiro dia, a abertura contou com a presença da Profa. Dra. Ronalda Barreto da UNEB na atividade cultural com muita alegria e forró, dando boas-vindas as pessoas presentes. Toda abertura foi transmitida via <https://youtu.be/5jy5acilcig>. Na mesa de abertura estiveram presentes as representações da Universidade, representantes do Fórum Estadual de EJA da Bahia, Café com Paulo Freire Bahia, Fórum Estadual de Educação da Bahia e Central dos Trabalhadores e Trabalhadoras do Brasil. Em seguida ocorreu a mesa de abertura intitulada Dialogicidade, Conscientização, Criticidade: O caminho se faz caminhando. As palestrantes foram Profa. Ma. Maria Erivalda

dos Santos Torres – Presidenta do CPFreire/ PPGEduC; Profa. Dra. Thaise da Paixão Santos- Café com Paulo Freire Bahia, sob a mediação da Profa. Dra. Dayse Lago de Miranda – Vice-Reitora da UNEB.

As reflexões suscitadas reafirmaram a potência do pensamento freiriano na construção de práticas educativas humanizadas e comprometidas com a formação crítica dos sujeitos. E na sequência desse momento, foi realizada uma homenagem a Profa. Maria Carolina Santos Soares representante do Café com Paulo Freire Bahia por sua contribuição e defesa do legado de Paulo Freire na educação de jovens, adultos e idosos no cenário baiano.

O segundo dia de atividades foi iniciado com um café nordestino e uma recepção dançante ao ritmo do forró, proporcionando às participantes um ambiente acolhedor e festivo. Na sequência, os participantes do Colóquio dirigiram-se às salas de trabalho para apresentar seus estudos e os resultados de suas pesquisas. Foi um momento marcado por múltiplos encontros entre pessoas vindas de diferentes territórios do Brasil, assim como de Moçambique, Estados Unidos e de diversas regiões do território baiano os participantes puderam estabelecer um rico espaço de convivência, diálogo e troca de

experiências. O formato de socialização dos trabalhos, organizado em círculos de diálogo inspirados em Paulo Freire, favoreceu a aproximação entre os participantes, a valorização dos saberes e a construção coletiva de aprendizagens.

Durante o círculo, observou-se significativa a participação dos presentes, marcada pelo diálogo entre pesquisadoras/es, professoras/es e estudantes, favorecendo compartilhamento de experiências e reflexões sobre as realidades educacionais vivenciadas nos diferentes contextos apresentados. A condução da mediação buscou assegurar um ambiente acolhedor, participativo e democrático, valorizando a escuta e o respeito às múltiplas vozes presentes no espaço formativo.

Cada participante socializou sua pesquisa, em um tempo previamente acordado de dez minutos para cada. Organizamos as falas de forma circular, prevalecendo o diálogo dinâmico com contribuições e construções coletivas. E assim seguimos, respeitando o tempo e a palavra de cada pessoa.

A experiência reafirmou a importância da mediação dialógica como prática pedagógica inspirada na perspectiva freiriana, compreendendo a educação como um processo coletivo, crítico e humanizador.

Cada círculo foi imprimindo seu próprio tom, e diversas foram as manifestações espontâneas dos participantes. Entre poemas, declamação de poesias, livro sorteado, abraços coletivos, risadas e questionamentos, os círculos constituíram uma importante experiência formativa, possibilitando a articulação entre diferentes pesquisas e práticas educativas, além de fortalecer o compromisso com uma educação inclusiva, crítica e socialmente comprometida.

A mesa de encerramento intitulada A Cartografia de Saberes e o Legado de Paulo Freire nos Territórios Baianos contou com a participação da Profa. Dra. Inês Barbosa de Oliveira- PPGE-UNESA, o Prof. Dr. José Jackson Reis do Santos da UESB e a Profa.

Dra. Edite Maria da Silva de Faria- Curadora do Café com Paulo Freire Bahia, sob a mediação da Profa. Ma. Sandra Hernandes Firmino – SMED-SSA. Vale ressaltar que o auditório estava lotado e finalizamos o evento com o desejo de sediar o III Pré- Colóquio Internacional Paulo Freire Salvador-Bahia. Nossos passos vêm de longe e coletivamente poderemos ir além!

Salvador, outono, 15 de junho de 2026

Profa. Dra Cinthia Maria Seiberth Santos (SMED-SSA)

Profa. Dra. Edite Maria da Silva de Faria (PPGEJA-UNEB)

SOBRE AS ORGANIZADORAS



Maria Erivalda dos Santos Torres:

Mestra em Educação Contemporânea no PPGDUC-UFPE, Pesquisadora do Grupo de Pesquisa e Ensino, Aprendizagem e Processos Educativos (GPENAPE), Possui Pós-graduação em Gestão Escolar pela UPE (1999), graduação em Pedagogia pela Faculdade de Filosofia Ciências e Letras de Caruaru (1997) e graduação em Letras pela Faculdade de Filosofia Ciências e Letras de Caruaru (1988). Atualmente é coordenadora - Fórum Regional do Agreste Centro Norte, ex-

coordenadora - Fórum Estadual de EJA/PE, pesquisadora da Universidade Federal de Pernambuco e Presidenta do Centro Paulo Freire - Estudos e Pesquisas. Tem experiência na área de Educação, com ênfase em Educação, atuando principalmente nos seguintes temas: letramento, itinerários formativos, práticas pedagógicas, educação e alfabetização. E-mail: erivaldatorres@gmail.com.

SOBRE AS ORGANIZADORAS



Maria Aparecida Vieira de Melo: Pós-Doutora pela Universidade de Évora. Doutora pela UFPB; Professora da UFRN/CERES; Docente Permanente do Programa de Pós-Graduação em Metodologias de Ensino e Processos de Aprendizagem (PROMENAP/UFRN). Linha de Pesquisa: Linguagens, Inclusão e Diversidade e do Programa de Pós-Graduação em Direitos Humanos, na Universidade Federal de Pernambuco (PPGDH/UFPE), Linha de Pesquisa 1 Educação em Direitos Humanos, Justiça e Cultura de Paz; Diretora Pedagógica

do Centro Paulo Freire-Estudos e Pesquisas; Líder do Grupo de Estudos e Pesquisas da Educação em Paulo Freire; Coordenadora do Comitê da Educação Integral - polo Caicó; Coordenadora do Fórum Metropolitano da EJA-PE; Coordenadora da Rede Brasileira da Educação em Direitos Humanos-PE; Membro da REPPED; Membro da REDHUMANI; Titular da CNEJA/MEC. Coordenadora geral do Curso de Formação Continuada de Educação em Direitos Humanos: Educadores da rede básica de Caicó/RN. E-mail: m_aparecida_v_melo@hotmail.com.



editora
CENTRO
PAULO FREIRE
ESTUDOS E PESQUISAS

ISBN: 978-65-87824-47-5

BR



9 786587 824475